

RelevO

março/2023, n. 7, a. 13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Gilberto Marques @gilberto.casa.marques**, à exceção da colagem da página 10, de **Michelle Alves**.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 60 Cel Bentin; R\$ 70 Fabio Rocha; Gilberto Marques; Leandro Cavassin Neto; Vítor Oliva; Rafael de Souza; Andrei Platonov; Casatrês; Harry Crowl; Ades Nascimento; Amador Ribeiro Neto; Rita Apoena; Felipe Costa; Antonio Carlos Secchin; Ismael Alencar; Alvaro Posselt; Vanessa Grandó; Eduardo Pereira; Romano Scroccaro Zattoni; Lucas Grosso; Alice Paula Leitão; Jaqueline Pessoa de Aguiar; Cezar Tridapalli; Quinho Castro; Gylherme Custódio; Toni Correa; Jozias Benedicto; Estela Basso; Katna Baran; TW Jonas; André Volpato; Roseana Murray; Heloisa Galindo; Tatiana Lazzarotto; João Victor Fiorot; Camila Cardoso; Valentina Gava Chakr; Fernanda Dante; Carolina Fellet; Abya Yala; Wagner Teixeira; Joshua Oliveira; Lucas Freitas da Rosa; Érica Santos; Diego Vargas; Flávia Souza Lima; Marli Voight R\$ 75 Cid Brasil; R\$ 90 Catarina Resende; R\$ 100 Rafael Gayer; Alisson Coelho; Giselle Correa; Tere Tavares; Alina Prochmann; Mariana Valente; R\$ 140 Shara Lopes; Tarcisio Botelho; Marina Dubia; Maria Catarina Correa Gestinari; Elter Correa; Patrick Fontanella Silva; Rômulo Cardoso; Humanité Clínica de Neuropsicologia; Provérbio Editora; R\$ 180 Edival Perrini; R\$ 200 Rafael Estorilio; Paulo Lacerda; R\$ 270 Alexandre Guarnieri.

TOTAL: R\$ 6.155

ANUNCIANTES:

R\$ 30 Alienígena; R\$ 200 Flávio Sanso; R\$ 200 William Soares dos Santos; R\$ 400 Utopia Tropical.

TOTAL: R\$ 830

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.815
Escritório: R\$ 310
Embalador: R\$ 50
Embalagem: R\$ 100
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 950
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 2.971

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 6.985**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.081**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 96**

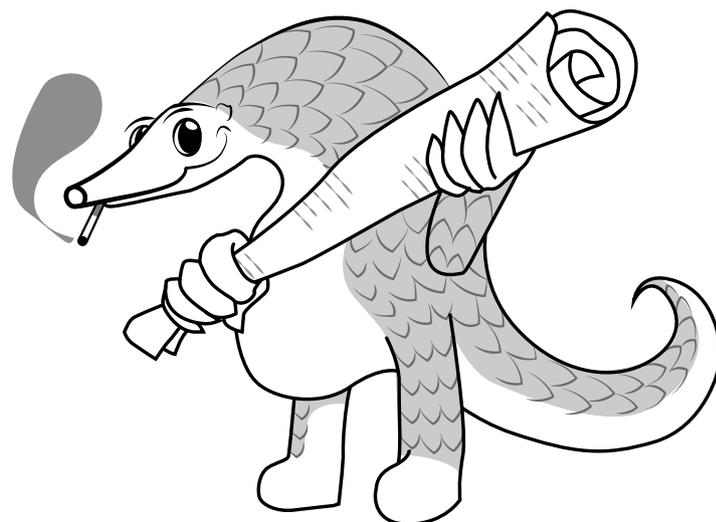
Março/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 28 de fevereiro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

FALTA DE ELEMENTOS PERSUASIVOS

Fábio Ribeiro Oi, Jornal. Chegaram rapidamente os exemplares: na sexta-feira seguinte ao nosso contato aqui. Foi muito instigante ter contato com um jornal literário. Senti falta de elementos persuasivos na comunicação como um todo. Até os apaixonados por literatura precisam ser conduzidos a novas ações na experiência de consumo. Observei outros pontos também. Destes, prefiro comentar pessoalmente. Sou revisor. Estive atribulado com sondagens a editoras nas últimas semanas. Por isso, demorei em retornar aqui.

Guilherme Coelho Opa! Passando para dizer que recebi os periódicos de dezembro e janeiro, como me foi prometido gratuitamente, e dizer que estou muito feliz por ver este trabalho (com uma mistura de nostalgia e curiosidade enormes). Eu vou fazer a leitura de ambos com a maior calma possível e já posso adiantar que, firmadas condições melhores, terei a certeza de assinar um dos planos. Aliás, se me permitirem, após a leitura, gostaria de fazer a divulgação pelos stories ou em feed também, comentando sobre as edições que recebi. Estou muito agradecido.

ACUMULANDO UTILIDADES

Felipe Carretoni Bom dia, Jornal! Agradeço demais a oferta de seguir assinando, mas se disser que li ao menos um número completo desde o último ciclo de assinatura, estarei mentindo. Acabei acumulando um bolo de envelopes, que se tornou num bolo de volumes que fui tentando apreciar vagarosamente, mas que se reduzia mesmo a cada vez que eu precisava lavar o vidro do velho carrinho. Ainda assim não me arrependo de ter sido assinante por esse período, fiz o que pude. Agradeço pela companhia, quem sabe a vida não fica mais calma pela frente e eu volte a ter tempo de leitura. Abraços.

UM ENIGMA

Casatrês Salve, Jornal! Manteremos a assinatura, com o maior prazer. Este ano pretendemos ter mais interações com vocês. A começar com uma carta na qual desabafamos sobre os mistérios de tantas pessoas, ao se referirem à editora, escreverem Casa Três, separado, em vez da versão correta, que é Casatrês. (Não levem para o pessoal, por favor. Seu caso é só mais um dentro

desse fenômeno de massa que induz as pessoas a errarem a grafia da nossa humilde editora. Será um erro de marketing da nossa parte? Dias atrás, um técnico veio instalar a internet na nossa casa nova. Celular na mão, pronto para digitar, perguntou qual nome queríamos dar à rede. Eu disse CasaTrês, por extenso, tudo junto. Ele foi lá e registrou Casa3.) A propósito da casa nova, agradecemos pela agilidade ao atualizar nosso endereço. Peço apenas mais uma atualização: que o destinatário seja Casatrês, não Casa Três.

Otaviano Silva Depois que leio, guardo minhas edições do **Relevo** em um cantinho da estante, fazendo grupinhos de duas em duas, arranco o selo de endereço e as guardo nos próprios saquinhos que vieram. Deixo os exemplares lá, ocupando espaço na minha estante enquanto os textos ocupam espaço na minha mente.

Vera Lucia Pinto Bom dia, Jornal. Recebê-los é uma alegria para mim.

NÃO É SÓ PEDRA

João Victor Fiorot Salve, **Relevo**! Foi um prazer ler a edição de fevereiro. A ombudswoman tem um texto muito gostoso de ler e, além disso, “biscoito?” e “ausência” foram duas leituras que vou guardar nos meus recortes. Vejamos como vai esta edição de março.

FISCAL DE AUTOCRÍTICA

Feliciano Tavares Monteiro Bom dia, Jornal! Entre outras coisas, quanto à fiscal de autocritica, creio que ela só está começando, mas com pouca crítica forte aos artigos publicados. Sei que irá melhorar...

Tarcisio Fonseca Boa noite. Tudo bem por aí? Recebi hoje, não sei como!, um exemplar do Jornal, mais precisamente de janeiro de 2023. Moro em Itatiba-SP. Muito bom! Como é meu primeiro contato com o periódico, não sei ao certo como funciona, somente sei que é interessante.

Dom Valdir Backmann Parabéns, Jornal. Aguardo o meu exemplar. Ficou show de bola.

UPDATE

Dom Valdir Backmann Recebi o meu Jornal de janeiro. A página especial do Pelé vai ficar na história. Parabéns a todos da equipe.

CAPA

Céline Bernard Linda demais essa capa, eu amo 🍷

Rita Apoena Que capa linda!

Carol Bataier Bela capa! Tô lendo hoje a edição e dei boas risadas com o texto do Silva, mas depois fiquei chateada pensando que é tão real... rs

Adriano Leite Esses *brises-soleil* da capa ficaram lindíssimos!

CD E JORNAL NAS NUVENS

José Amaral O **Relevo** representa o eterno: o papel. Gutenberg trouxe para a luz o que nunca buga, o que pode ser preservado, reconstruído, restaurado. Nem tudo cabe num disquete que não viu o CD chegar nas nuvens que precisam da energia elétrica e de uma tomada que dê acesso e conexão. Sensacional #VidaLongaAoImpresso

Rozana Gastaldi Jornal, consegui salvar meu exemplar da chuva que despençou por aqui ontem. Nem acredito.

QUEEEE ISSO!?

Damaris Pedro Queria assinar, mas tem distribuição de graça na universidade. Vou deixar pra assinar quando me formar.

Marcelo Ribas Amo esse jornal, não tem jeito! Hoje mesmo coloquei a leitura em dia, li as edições de janeiro e fevereiro. Vocês são foda! Viva o **Relevo**!

Livraria Patuscada Venha retirar o seu @ocasulojornaldepoesia na Patuscada! E uma surpresa: também temos conosco exemplares do **Relevo**. Se eu fosse você, corria pra não perder.

Ivan Jesus A vaidade nossa de cada dia. Ana Vilalta para o Jornal.

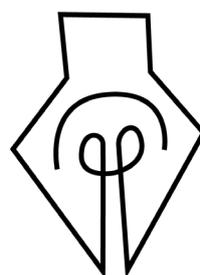
Pedro Vale Depois de ter recebido alguns exemplares do **Relevo**, amavelmente enviados pelo seu editor Daniel Zanella, chegou agora a hora da caixa de correio me brindar com o número 40 da fantástica revista de cultura e literatura brasileira *DEsEnrEdoS*.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

 **FLESCH_NOTES**

O papel do papel, o ChatGPT, os escreventes

A presente edição do **RelevO**, de março de 2023, não foi escrita por inteligência artificial (IA), mas teve o auxílio dela. Tal qual a aparição de um craque na base de um clube decadente, o surgimento do ChatGPT no fim de 2022 trouxe à tona uma série de reflexões sobre o fazer artístico — a nossa edição especial da Copa do Mundo teve capa de IA, por exemplo. E ficou ótima. Será o fim do artista? No plano prático, diversas revistas e concursos literários espalhados pelo mundo passam pelo desafio de avaliar ou excluir textos enviados com auxílio de tais ferramentas. Logo será a nossa vez de lidar com isso.

Estamos vivendo o início do fim dos escritores e dos artistas? Certamente que não. Certamente que sim. Quem já se aventurou no ChatGPT e saiu emulando estilos de autores e autoras consagradas pôde verificar que a fluência e a beleza textual ainda são de uma carruagem no asfalto. Contudo, sabemos que a IA irá melhorar, o que nos traz outro questionamento: e os escritores? Permanecerão cada vez mais distantes das transformações do mundo e descrevendo árvores por três páginas? Lógico que exageramos. O argumento, inclusive, acabaria com Marcel Proust. Mas só tivemos um Marcel Proust...

Longe de nós querer transferir aos escritores a tarefa de avançar junto das AIs. É impossível, tanto por processamento quanto por aprendizado. O que nos interessa, na condição de veículo de curadoria de um segmento cultural, é pensar em como os escritores lidarão com ferramentas que podem escrever *melhor* que eles. Ou melhor do melhor: que podem ser mediocres com muito mais qualidade.

Daqui do nosso cercadinho de muitas incertezas e na continuidade de procedimentos, enxergamos com bons olhos a chegada de uma ferramenta que tensione a nossa existência. Poderá, em breve, uma IA selecionar os textos enviados para a nossa caixa de entrada apenas pelos padrões de escolha dos editores ao longo de 13 anos? Poderá a IA descartar automaticamente do processo de avaliação textos que tenham erros crassos (e involuntários) de língua portuguesa? Gostaríamos.

Diferentemente de uma IA, o ser humano é escravo e senhor de sua temporalidade — e não avança apenas com atualizações. Como medir as transformações internas de uma pessoa que teve um filho pela primeira vez? É possível quantificar (ou realmente descrever) em algoritmos a experiência do primeiro amor? E a sensação de receber uma encomenda pelos Correios? Ainda somos nós, ainda somos nós. E nunca fomos mais humanos.

Entre infinitas razões, criamos para também nos questionar sobre a nossa própria existência — e por *utilidade*, valor sempre em confronto com o mundo exterior. Pedimos ao ChatGPT que escrevesse um editorial que refletisse sobre a utilidade de um jornal de literatura no mundo contemporâneo. O comando foi simplório, já que poderíamos dialogar em perspectivas bem mais profundas. A resposta foi didática:

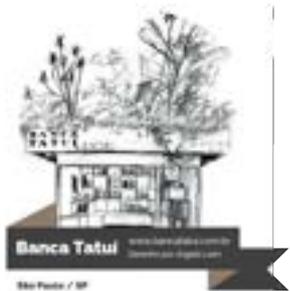
Um jornal de literatura pode ter várias utilidades no mundo contemporâneo, mesmo com o avanço da tecnologia e das redes sociais. Algumas das principais utilidades são:

1. *Promover a literatura: Um jornal de literatura pode ser uma excelente plataforma para promover a literatura, tanto nacional quanto internacional. Ele pode destacar obras e autores relevantes, estimular a leitura e ajudar a formar novos leitores.*
2. *Fornecer análises críticas: Um jornal de literatura pode fornecer análises críticas de livros, oferecendo aos leitores uma visão mais aprofundada e reflexiva sobre as obras. Isso ajuda a enriquecer o debate literário e a estimular a produção de obras cada vez melhores.*
3. *Divulgar eventos literários: Um jornal de literatura pode divulgar eventos literários, como lançamentos de livros, feiras de livros e encontros com autores. Isso ajuda a aproximar os leitores dos escritores e a fomentar o diálogo entre eles.*
4. *Fortalecer a comunidade literária: Um jornal de literatura pode ajudar a fortalecer a comunidade literária, criando um espaço para a troca de ideias e experiências entre autores, leitores, editores e outros profissionais do mundo literário.*
5. *Preservar a cultura: Um jornal de literatura pode ajudar a preservar a cultura, registrando a produção literária de uma época e documentando os eventos e acontecimentos importantes do mundo literário. Isso é importante para a posteridade e para que as próximas gerações tenham acesso às obras e ao legado dos escritores.*

Para nós, não se trata de uma resposta vazia, afinal ela captura um bom tanto das identidades possíveis de nosso periódico, o que muitas vezes frustra os leitores em busca de um norteamento claro. Mas também é fria, protocolar, semelhante a um editorial cansado. Em suma, será divertido acompanhar o rumo disso tudo. Certamente continuaremos nos divertindo, aspecto básico de nossa existência (*chatbots* sonham com risadas elétricas?).

Uma boa leitura a todos.

APOIADORES



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance "A boa lição" (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Amanda Vital

*Jingle bell, jingle bell
Acabou o papel
Não faz mal, não faz mal
Limpa com jornal*
Autor desconhecido

Com a diferença de que o jornal definitivamente não está caro pra chuchu. Setentinha por um ano de literatura de qualidade, pô?! Mas aviso aos navegantes, sedentos por uma boa discórdia, isso não é para definir qualquer tipo de supremacia do físico sobre o digital — essa é uma guerra longa, não cabe em 8000 caracteres. É que nessa guerra, existe uma trincheira cortando dois campos. De um lado, os defensores do “apenas digital” são os defensores de uma democratização maior e mais ampla da literatura, já que e-books e plataformas digitais podem ser acessadas em qualquer lugar do mundo, tornando conexões e intercâmbios ainda mais possíveis. Do outro, os defensores do “apenas físico” são os defensores de algo que já funciona historicamente falando (para ser um bocado mais precisa, o primeiro livro impresso do mundo começou a ser produzido na década de 1450¹; o primeiro jornal impresso em gráfica, em 1605²) e que, caso aconteça alguma pane geral nos sistemas informáticos, o físico que já existe não deixa de existir, nem fica inacessível. E há a trincheira, de onde falo, colaborando em meios impressos e virtuais. Só defende, não ataca, observando todas as discussões, as demandas, os problemas, as qualidades, as bombas e as alfinetadas. É um nome chique para “em cima do muro”? Não, porque é uma trincheira.

E para não dizerem que aqui é só amargura, rancor e acidez, deixo aqui uma pequena lista do bem — sei que vocês adoram listas — das qualidades de cada um dos lados, observadas daqui, desse lado T (de trincheira, hehe. Sacou?):

No físico:

1. Como eu já mencionei, não corre-se o risco de, com uma possível pane nos computadores (que não, não é teoria da conspiração, calminha aí com o ceticismo, porque já existem panes informáticas em sistemas aeroportuários, governamentais..., para afetar o uso pessoal é um saltinho), os materiais se destruam — o acervo físico está sempre aí;

2. A experiência de leitura é, de fato, mais agradável como um todo — não precisa nem adicionar fontes para isso, acho, né? — porque mexe com sentidos para além dos olhos, e isso é uma experiência muito rica, sim;

3. A depender do armazenamento do acervo (biblioteca pessoal, pública, livraria, sebo...), o papel pode demorar centenas de anos para se deteriorar — ao contrário de alguns sistemas, que tornam-se obsoletos com o passar do tempo e “envelhecem mal”, com problemas de armazenamento, de memória, atualizações e essas coisas todas;

4. É sempre uma mãozinha a mais para que gráficas, tipografias e imprensas não caiam na obsolescência também — gráficas vão sempre imprimir cartões de visita, cartazes, camisetas, agendas..., mas não se restringiria apenas a esse material (e ainda há as quase totalmente especialistas em livros);

5. O impresso é democrático e agregador, muito coletivo e com possibilidade de leituras em grupo, acessível a regiões e a indivíduos com dificuldades de acesso à informática, quanto mais à internet;

6. Não seria buscado apenas por quem está procurando algo específico (um jornal sobre uma mesa de café pode ser lido por pessoas que não buscaram por aquilo — ao contrário de tablets, raramente deixados em mesas de café, ainda bem para seus donos);

7. O impresso também atravessa oceanos, tal como o virtual, e não se restringe apenas ao ambiente nacional, como fazem parecer (o RelevO, mesmo, viaja mais que nós todos juntos);

8. Mantém a história de acervos e bibliotecas sempre ativa, preservando histórias e mantendo ativo o trabalho físico também dos bibliotecários;

9. O físico tem qualquer coisa de fixo, de imutável, de perpetuar-se — isso em si já é poético, e aqui falamos de sensibilidades também;

10. Papel não acaba a bateria, nem ter de colocar para carregar, nem tem notificações pipocando ao redor (vai enganar bobo quem diz que desliga notificações e vibrações, tá? Eu vejo vocês online!), nem precisa de suportes específicos para isso, fazendo lucrar monopólios.

No digital:

1. Em um viés de qualidade de vida individual — não digo do coletivo porque as tecnologias para isso ainda estão em andamento —, organizar a biblioteca pessoal é prático (para quem sabe mexer nisso, claro), então não há estante, não há grande peso, cabe tudo na mochila, bem prático, fofo e minimalista, de fazer Marie Kondo salivar de regozijo;

2. A disponibilização de conteúdos é mais rápida, não precisa esperar por uma impressão;

3. Quaisquer correções que sejam necessárias, é só editar, corrigir e já está editado (não é uma vantagem a 100%, porque isso acaba dando margem a alguma corrupção de conteúdo pós-publicação, mas vários portais deixam uma data de edição e até alguma errata “à moda antiga”, o que é legal);

4. Pode-se manipular o texto com alguma facilidade e comodidade: fazer marcações, copiar e colar, comparar, postar aquela legendinha marota no Instagram, pegar aquela citação excelente para a epígrafe do seu livro, enfim, se rabiscar, não é fixo;

5. Tende a ser econômico, porque não tem a conta da gráfica e do envio, só da edição;

6. Essa deveria ter sido a primeira da lista logo, porque é das mais importantes: é mais acessível a pessoas cegas, com possibilidade de texto transposto para áudio;

7. Alguns suportes de leitura são à prova d’água: você pode ler na chuva!;

8. É possível aumentar a fonte para uma leitura mais cômoda;

9. Um material publicado na América Latina pode ser lido na China quase instantaneamente;

10. Das coisas mais óbvias, mas: é sustentável e bom para a preservação do meio ambiente.

Em suma, se você está num periódico impresso, vão te cobrá-lo em arquivo digital; se você trabalha em uma revista virtual, vão te cobrar a versão física dela (como já nos aconteceu muitas vezes na *Mallarmagens*). No primeiro, a pessoa quer um teste, uma amostra grátis para experimentar, já que “procura e não acha uma digitalizaçãozinha disso

sequer, eu não sei cumé quié!”. Na segunda, não aceita que o portal tenha alguma credibilidade só por não funcionar impresso. Sempre tem alguém que não está satisfeito, nem vê como possível a coexistência das duas coisas. “Ah, eu só leio no papel, isso aí nem deve ter ISSN”. “Ah, eu só leio se tiver como favoritar, minha vida é muito corrida gerindo os imóveis que alugo a estudantes universitários falidos por 900 paus”. E muita cobrança no lombo do editor.

E para os que leem até aqui, mês passado tivemos muita coisa boa cá por essas bandas, com destaque para a arte e o trabalho de fotografia & colagem incrível de Noah Mancini; de toda a poesia publicada, o poema curto da Enilda Pacheco foi uma boa escolha de curadoria, a poesia jogando com o verbete de dicionário, que é algo atemporal e bom quando bem feito, com originalidade, sem cair no óbvio — o que acredito que aconteceu, com contraste, ritmo de quebra de versos e *enjambement*, contraste, tudo em três versos!; o trabalho de tradução do Degrazia é muito especial, por ser um ótimo poeta também, ele aplicou um ritmo um pouco diferente do original, fugindo da tradução literal e indo por um caminho inventivo, mas na medida, numa boa medida, só um bocadinho aqui e acolá para a transposição de sentido para português; e de prosa, o texto que mais me ficou foi “Biscoito?”, de Silva — uma esquete literária deliciosa, com os elementos do exagero e do absurdo bem-humorados e com essa comunicação mais familiar e cotidiana, que permite que a gente prossiga legal na leitura, sem se encolher na poltrona com algum *cringe* (em suma, texto que fala como a gente fala); com menção honrosíssima para o trecho da Tatiana Lazzarotto, que faz algo parecido, mas não com diálogo, com descrição; e para o conto de Carolina Fellet, outro que passa pelo coloquial, mas com elementos de prosa poética.

Boa ressaca de Carnaval a tod@s. Sejam impressos! Mas se não quiser, não precisa.

¹ Fonte: www.e-cultura.pt/efemeride/589

² Fonte: super.abril.com.br/coluna/oraculo/qual-foi-o-primeiro-jornal-da-historia/

Proposta tecno-científica para otimizar a eficácia astrológica do horóscopo

Bolívar Escobar

Não chega a ser recebida com espanto a notícia de que, hoje, em 2023, a astrologia vem perdendo o glamour e o charme de outrora. Vítima, como todos nós, da implacável sede de conteúdo, horas de tela e dados de reconhecimento facial das redes sociais, o horóscopo cambaleia em um enclave de interesses que descreve a situação ontológica do jovem contemporâneo: desprovido de lastro para a própria realidade, sem perspectivas de futuro e cheio de microplásticos nas veias, está servida uma situação calamitosa que transforma qualquer forma de conforto esotérico em uma necessidade diária.

Justamente por isso, a leitura crítica dos astros e constelações se vê ameaçada pela concorrência espiritual. Com respostas mais eficazes a curto prazo e melhor design gráfico de um modo geral, o Tarot desponta entre instagramers e TikTokers como uma ferramenta confiável de divinação. Além do apelo lúdico do baralho, o Tarot conta com um tropel de personagens antropomórficos que geram empatia em níveis muito mais pessoais do que as formas esféricas dos planetas distantes. Outra estratégia divinatória de crescente predileção pelas moiras da internet é a numerologia. Nem tanto por mérito próprio, mas porque cada vez mais os números nos cercam tal e qual as moscas desesperadas em torno das nepenthes. Nossa vida quantificada em likes, quantidade de seguidores, número de passos, calorias e pontuação na Serasa criam um cenário rico para os intérpretes dessa herança arábica.

Passando pelos cristais, quiromancia e outros reflexos misteriosos de nós mesmos, também é implacável o impacto que os famosos testes de personalidade, como o MTBI e o Eneagrama, geram em nossas vidas. Não tão voltados à providência de imagens fiéis dos futuros possíveis, tais métodos analíticos se prestam a mapear comportamentos e a explicar com palavras dóceis as piores características que uma pessoa é capaz de desenvolver como resultado da péssima influência

familiar. Os testes de personalidade suplantam quase que completamente a função da astrologia, puxando da literatura humana da Psicologia e não das por muitas vezes duvidosas configurações estelares o embasamento de sua normatividade vocacional.

Apresentado o catastrófico cenário, é imperativo que o horóscopo arrume artifícios para passar a se valer das mesmas artimanhas numérico-gráficas dos seus concorrentes. Pessoas que tendem a adotar um método esotérico como baliza para a própria vida geralmente não se incomodam em jogar mais possibilidades de orientação na roda. Ou seja, quem tira o tarot no sábado provavelmente estará dando uma olhada no folhetim astrológico na segunda também. Logicamente, não é esse o público atrás do qual a presente proposta se dedica a ir. De fato, a abordagem tecno-científica que trago ao horóscopo visa a aproximá-lo das modernas fontes de dados divinatórios, tal e qual os mecanismos de *machine-learning* e os cursos de investimento na Bolsa de Valores. Como consequência, o público a ser atraído é justamente aquele composto por indivíduos que escolhem não acreditar nas mensagens dos corpos celestes, preferindo talvez a própria sorte, a crença no não-determinismo cósmico ou ainda a diversão proporcionada pela ignorância.

Vamos tentar pontuar alguns problemas históricos da astrologia. A começar pela grande dificuldade em acertar os signos e influências espaciais de pessoas que não são do nosso círculo social mais próximo. Podemos até arriscar palpites de comportamento baseado na tríade de informações sagradas: data de nascimento, horário e local. Traçado o mapa astral, é possível caracterizar o indivíduo em seus mais íntimos nuances, graças ao posicionamento das 12 constelações do zodíaco em relação aos planetas do Sistema Solar. Entretanto, o sistema se mostra frágil a partir do momento em que pessoas com mapas astrais parecidos demonstram escolhas de vida comple-

tamente diferentes. Cientificamente falando, diríamos que estamos isolando a variável errada.

Outro caso emblemático pode ser observado em personalidades como o nosso digníssimo presidente Luiz Inácio. Após uma confusão no cartório, o filho de Eurídice Ferreira de Melo foi registrado como tendo nascido em 6 de outubro de 1945, enquanto historiadores, biógrafos e familiares defendem que a data correta seria 27 do mesmo mês. 21 dias de diferença com implicações drásticas para a astrologia, visto que o nosso tri-presidente teria que passar de libriano (diplomático, equilibrado, regido pela beleza de Vênus) a escorpiano (sensual, calculista, regido pelos mistérios de Plutão). A coisa complica quando uma pessoa, cujas características já foram tão esmiuçadas pela sua vida pública e pelos repórteres da *Veja*, passa a ser analisada astrológicamente. Outro problema científico, o “enviesamento”, dá as caras, fazendo parecer que a astrologia é muito menos sobre os astros e muito mais sobre só enxergar aquilo que queremos ver.

Qual é, pois, o grande ponto fraco da astrologia, que a faz ser alvo de tanto descrédito por parte da massa supostamente esclarecida de enjalecados do laboratório? Por que os grandes jornais dedicam apenas uma porção de página ao horóscopo, e não um caderno inteiro para tratar das influências fatais do cosmos em nossas insignificantes vidas? Eis aqui o ponto central do meu argumento (e que, portanto, demanda uma certa autocritica dos meus queridos apolíneos): a astrologia não pode mais permanecer inteiramente baseada nos métodos astronômicos pré-renascentistas.

Consultar um astrólogo hoje é o equivalente a ir em um consultório médico para tratar um torcicolo e receber em troca um unguento de manjerição e uma receita de sangria. Astrólogos se valem dos manuais utilizados pelos antigos egípcios e gregos para seus diagnósticos como se a informação contida ali fosse o próprio *lapis philosophorum* dos alquimistas. Tais

manuals, entretanto, eram as bases para as quais os próprios astrônomos do Renascimento começavam a olhar torto.

Inspirado pelos tímidos tratados de Nicolau Copérnico, Galileu olhava para o céu com suas lentes artesanais e anotava alguns comportamentos estranhos. Tenhamos em mente que a astronomia, da forma como a conhecemos hoje, é extremamente antiga, uma arte observacional empregada pelos primeiros agricultores para calcular as melhores datas para o plantio e para as orgias com seus colegas. Por mais de um milênio, a obra de Ptolomeu de Alexandria era a referência nº 1 de astrônomos e outros curiosos das estrelas para prever ciclos, eclipses, chuvas de asteroides e outros fenômenos. A astronomia, em síntese, era uma ciência preditiva: com base em cálculos, o posicionamento dos corpos celestes era descrito e suas órbitas se tornavam legíveis. Ptolomeu descrevia tais movimentos circulares excêntricos por epiciclos, que não eram exatamente precisos, mas conseguiam explicar a dinâmica estelar aos observadores terráqueos conquanto que um pressuposto fosse aceito: o da centralidade do nosso pequeno planeta no panorama geral do universo.

O *Almagesto*, de Ptolomeu, teve uma notável circulação entre os cabeções do Renascimento graças à prensa tipográfica, uma novidade tecnológica que permitia reproduzir livros mais rapidamente (e, muitas vezes, longe dos olhos dos padres e bispos). A obra acabou caindo nas mãos de pessoas que tinham contatos com os vidraceiros holandeses e outros inventores espirituosos, que trataram logo de empilhar lentes em tubos e apontá-los para o céu. A emblemática página do diário de Galileu de 19 de janeiro de 1610 mostra o seu preciso desenho da Lua, com o relevo de suas crateras iluminadas realisticamente e todas as imperfeições do solo. Logo abaixo do desenho aparece um pequeno mapa astral, em cujas linhas geométricas se descrevia

um horóscopo endereçado ao mecenas Cosimo II de Medici. Nesse pequeno artefato temos uma descrição poética das tensões da época, onde dois céus se sobrepunham: as observações e as teorias que não se encaixavam mais com os modelos ptolomaicos também sugeriam uma necessidade de readaptação cosmogônica.

A inimizade cultivada pela ciência contra a astrologia (e vice-versa, que fique claro!) se deve a uma necessidade de negação do hermetismo neoplatônico cujas raízes deram lugar ao método científico moderno. O ser humano imaginava seu local como um intermediário entre o céu e a terra e buscava, por meio da matemática, unir macrocosmo e microcosmo. Entretanto, do ferramental da lógica numérica vem também o outro gume da faca: a evidência da contradição contida naquilo que não se demonstra empiricamente com a ajuda dos artefatos tecnológicos. É uma necessidade, para a ciência, que ela não inclua a astrologia, mas a astrologia não precisa negar o positivismo científico para se fortalecer.

Enquanto escrevo essas palavras, já faz mais de um ano que o telescópio James Webb foi disparado em direção ao espaço sideral para produzir as mais desgraçadas imagens da imensidão cósmica. Juntamente ao resto da parafernália astronômica em atividade hoje, temos à disposição infindáveis imagens dos pontos mais distantes do universo e de todas as bizarrices que ele até então estava tentando esconder de nós. É um absurdo que a astrologia não se movimente para aproveitar esses recursos.

Não estou sugerindo medidas paliativas, como ampliar o portfólio de signos do zodíaco ou qualquer coisa do gênero. Sem mais delongas, apresento minha proposta: vamos trocar a habitual abordagem indutiva do horóscopo, da qual parte-se dos signos para compreender o indivíduo, e fazer o caminho inverso: por uma abordagem dedutiva, investigar as pré-disposições individuais e só então inferir quais astros podem estar afetando os miolos da pessoa.

Essa abordagem dedutiva não é tão desafiadora. Temos, ao menos, três fontes de dados confiáveis para traçar um perfil astrológico preliminar: a vida exposta na *cyberesfera*, que se mescla entre a diversão do Instagram e o autoflagelo do LinkedIn; notícias em jornais e revistas, caso o objeto tenha se exposto de alguma maneira notável; e, por fim, relatos de colegas de trabalho, amigos e familiares: documentos facilmente obtidos mediante

pagamento ou promessa de uma boa oferta em troca. Tudo isso ignora ainda o potencial informativo dos milhares de vazamentos de dado em curso ao longo dos últimos anos: informações sobre cartão de crédito, contas bancárias, movimentações e deslocamentos físicos são acessíveis até mesmo contra nossa vontade, visto que pacotes com nossas informações são negociados entre empresas quase que como *upselling* para qualquer outro serviço. De fato, nosso paradigma atual é o do excesso de informação não-solicitada sobre as pessoas. É até incrível que alguém, com tantos detalhes perfilados sobre a própria vida de modo voluntário, ainda acredite que os astros tenham qualquer informação adicional ainda não descoberta. Mas enfim.

Chamemos essa primeira etapa de Fichamento Pessoal Inconclusivo. O FPI não revela necessariamente o signo do indivíduo, apenas aponta as bases iniciais para uma triangulação cósmica. Não podemos ignorar todo o gigantesco trabalho da astrologia ancestral feito até agora, então tomemos como base uma primeira análise que joga o FPI contra o horóscopo convencional. A sacada está justamente em ignorar a tríade sagrada (data de nascimento, hora e local) e preferir uma sistematização por meio dos dados de vida. Essa análise preliminar sugerirá um signo, mas ele serve apenas como elemento de controle. O método dedutivo entra em cena: criamos uma imagem remanescente do indivíduo composta pelas características que escapam às previsões do signo original e apontam para novas formas de enquadramento. Não estamos mais falando dos lugares comuns como “é uma pessoa calma” ou “é alguém que busca vingança não importa o quanto isso custe para sua saúde mental”. Aqui, se apresentam os detalhes mais incomuns trazidos pelo FPI: ter agonia de unhas compridas. Gostar de misturar doce com salgado. Nunca ter tido vontade de ir no Beto Carrero World. Chorar ouvindo Roupa Nova. Ter medo de dentista. Fazer cocô gritando. Gostar de Fórmula Truck. Só comer arroz e ovo. A experiência humana é grandiosa em escopo, e justamente por isso o FPI precisa fazer questão de caçar os detalhes mais esdrúxulos, tratados pelo horóscopo original como pouco dignos de atenção.

Esse conjunto de detalhes do FPI é usado para orientar uma nova cartografia astrológica que se vale dos novos corpos celestes descobertos pela tecnologia contemporânea. Já não somos mais

de signos identificados pelos antigos gregos. Agora, uma pessoa que reúne características aleatórias à primeira vista (e.g. paladar infantil + vício em séries true crime + dificuldade para interpretar placas de trânsito + preferência por energéticos sabor manga) pode descobrir que isso não se deve a ser do signo de Sagitário, mas sim por estar sendo regida pelas ondas eletromagnético-espirituais emitidas pela estrela Deneb Algedi (código IAU HR 8322), localizada a 39 anos-luz da Terra e responsável principalmente pelo gosto por bebidas sabor manga e pelo interesse em serial-killers.

Graças ao método dedutivo, é possível compilar as características mais específicas de cada uma das 8 bilhões de pessoas do planeta e estabelecer nuances suficientes para designar ao menos uma estrela e um exoplaneta para cada uma. A maioria desses corpos celestes encontra-se vazia, isto é, ainda sem nenhuma forma de expressão humana assinalada como sendo sua culpa. Se quisermos, podemos alçar um aspecto fenomenológico ao método e também ponderar sobre os efeitos das relações entre esses corpos, transcendendo as linhas de translação do Sistema Solar. Isso nos daria infinitas formas de atribuir signos, demandando até mesmo um apelo aos objetos do dia a dia como recurso de nomenclatura. Seu signo poderia ser de Bule da Café com ascendente em Samambaia, lua em Fóssil de Trilobita e quasar de interferência principal SDSS J1004+4112 (popularmente conhecido como “Strogonoff de Nozes”).

Entendo que ainda haverá muita resistência por parte dos astrólogos em aceitar essas atualizações. Minha recomendação é procurar estudos de caso que nos forcem a reavaliar a potência da astrologia perante a inventividade humana. O ex-juiz, ex-ministro, ex-usuário de Telegram e ex-assessor de debates do Bolsonaro, o agora senador Sérgio Moro é um caleidoscópio humano, com uma vida tão intrigante e movimentada que fica difícil acompanhar tanta fluidez apenas dispendo de um signo solar, um ascendente e uma lua. Definitivamente, casos assim deixam a astrologia em maus lençóis, visto que uma outra pessoa com características astronômicas próximas possa se sentir ofendida pelas análises.

Reconheço, em tempo, que minha proposta tem muitos pontos fracos que carecem de maior atenção. Leitores mais sagazes devem ter compreendido que a faixa etária acaba se tornando fundamental para ter mais informa-

ções sobre os comportamentos e inclinações de uma pessoa, bem como sua localização geográfica, status social, acesso a bens de consumo e condições estruturais. Perante a isso, o horóscopo é, de fato, uma ferramenta imbatível, capaz de apontar os mais sinceros prognósticos mesmo no mais envolvente breu informacional. Meu otimismo se resolve com a crescente onda de pesquisas genéticas. Mesmo antes de ter um bebê, pais com quantidades supérfluas de dinheiro em breve poderão optar por uma engenharia intrauterina que selecione as melhores características a serem passadas à prole. Enquanto uns enxergam nessa tendência um novo modelo de eugenia, também acrescento que teremos ainda mais dados disponíveis sobre cada indivíduo logo no momento do nascimento, renovando a potência do nosso horóscopo 2.0. Podemos ritualizar a descoberta do próprio signo, fazer uma festa de 15 anos na qual se descobre uma tendência interplanetária: um novo mercado para empresas de festas e fantasias se abre. Nada nos impede também de renovar o signo a cada cinco ou sete anos. Permanecer a vida inteira sob a influência dos mesmos astros parece uma forma abusiva de controle comportamental, uma imposição tragicamente causada pelas circunstâncias do nosso nascimento, assim como o lado de preferência na luta de classes e o colonialismo. Com a renovação astrológica, cada pessoa pode consultar suas influências cósmicas e reorganizar seu mapa astral com a mesma frequência que contrata cartomantes, sem ônus à própria personalidade.

Por fim, gostaria de encerrar o ensaio reconhecendo o popularizado argumento que denomino como *proximity astrology*: sempre uma carta na manga dos meus colegas arcanos, trata-se de uma alegação de que os signos estelares e planetas regentes são meras representações. Eles existem no imaginário, sem referência ao mundo real, apenas como manifestação de arquétipos e outros instrumentos metafísicos. Infelizmente, esse argumento é muito potente e não vejo motivo para negá-lo: ele aproxima, em vez de afastar, a astrologia de seus métodos concorrentes. Afinal, todos são “proxies” para esse mesmo reino oculto de símbolos. Se for essa a questão, então peço que ignorem minha proposta e se atenham ao aspecto linguístico da discussão: talvez não seja um problema “astrológico”, mas apenas “astroilógico”.

O eucalipto

Mônica Silva

Depois do banho, visto o moletom rosa ainda sem furos. Meu peito vibra um prazerzinho afoito: sair de noite, já limpa. Mas não vou longe. Na frente do barraco desaprumado assisto a incandescência da escola. Pra alcançar, levaria um beco e três ruas. O sinal fura nossas paredes de madeirite. Meus olhos se aconchegam naquelas janelinhas, picotadas por vultos mudando de sala. A colônia florida escapa do moletom, combina com a promessa de futuro. Mais perto, e por isso maior, o bruto eucalipto ameaça nossa insignificância. As casinhas ajoelhadas diante dele não aguentariam. Venta, e toda respiração se detém.

Manhã de sábado. Sucessos dos anos 70 nos acordam cedo. Faz sol, então o esgoto fede mais. Os homens se juntam pra cavar. Precisa alargar as margens. Dar espaço pra água correr quando ela vier. Também reforçam a ponte. Com um sol desses, já sabemos.

“Seu Bil, pega a escada!” No único poste perto, Seu Bil parece se entender com o novelo de fios. Pra quem vê de baixo, é um bolo só. Eletricista ele se dizia, mas trabalhava de segurança, e via graça. Aquele poste alimentava nossas TVs, geladeiras, videogames, rádios... No beco não cabe carro, carteiro, Casas Bahia, caminhão de energia, ambulância.

Quando o sol esfriar, a maior do grupo vai riscar no chão a amarelinha. Marina. O chamado dela me tira da frente da TV. Logo se forma a fila, cada um com sua pedra. Quem pula todos os números pode deixar sua marca em um: casinha. Ali ninguém mais pisa. No fim, eu sempre só assistia. Mesmo pegando impulso, relava a linha adversária. Marina e suas pernas compridas. Bebo os saltos dela.

Agora é esconde-esconde. Pequenos têm vantagem, se espremem no estreito. As casas encavaladas dão bons abrigos, mas nossas roupas terminam brancas de cal. Vão saber logo de onde

saímos. Vou acanhada até onde a luz chega: “já te vi”.

O eucalipto deita sua sombra pesada sobre nós. Esse pedaço da noite desceu pra nos julgar. Brincando, cometemos o primeiro beijo. Pecamos rindo. Brincando, descobrimos que o suor da outra também é salgado. Uma vez me provocaram: se eu sabia como se fazia bebê. Salvei meus olhos nos cadarços desamarrados. Já tinha aprendido a amarrar, um laço, uma volta, um puxão. “A cegonha”. Não sabia como, mas o corpo tinha a ver. Disso não se falava. Crescemos feito mato. E o eucalipto assistia. Soberano.

Descontamos mais um dia: não foi hoje que ele desabou. “Mas espere! Antes ele do que nós”. Seu Bil falou com alguém na Prefeitura; que podassem, cortassem. Uns caras de uniforme: “Pois é... Tá bem alto. Precisa mesmo”. E não voltaram. A árvore treme toda de ódio. Acho bonita a revolta das folhas.

O diretor da Secretaria de Meio Ambiente destacou: “Não conseguimos podar. Mas não foi esse o problema. O caso é o período chuvoso. O terreno se encharca. Não tinha o que fazer”.

Não chamaram pra brincar aquela tarde. Vestida de água, a árvore dança. Suas mãos amplas nos avisam. As casas não correm, inundadas de móveis estragados. Algo atravanca a passagem do esgoto. Um pedaço de sofá? O ar em fúria arrasta telhados. Água não vem só de cima, entra pela porta. Era pouco, mas era nosso. Burrice também. Eu nunca tinha visto adulto chorar. Ri quando o filho do Bil passou surfando no esgoto. Mas não ri quando meu cachorrinho passou boiando na lama, de barriga inchada. Por mais que tente, não consigo lembrar o nome dele.

Num lampejo já não existem becos. Cansado do show de merda, o eucalipto se deita. Destroços se confundem no marrom. Faíscas azuis saem de um

fio desinibido. Parece pisca-pisca no seu combate contra o ar. O eucalipto abre os braços pra destruir o máximo que pode. Sem luz, só gritos. Seu Bil tinha tentado domar o fio.

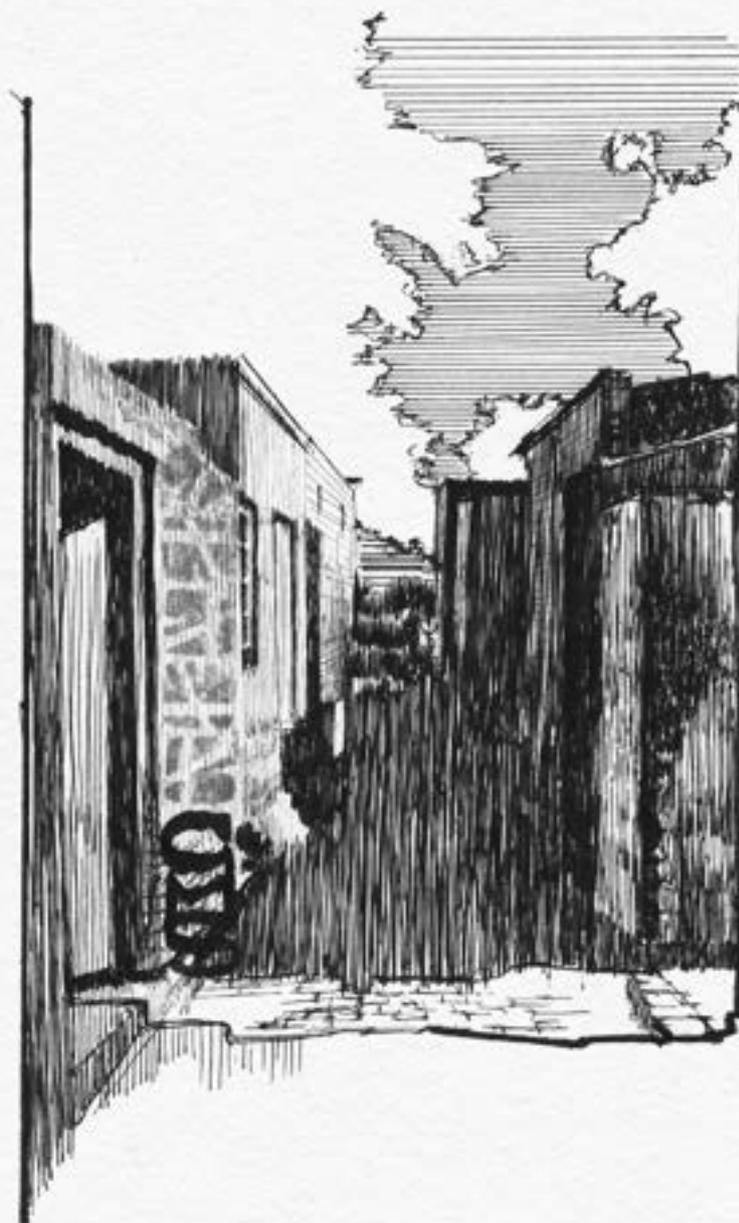
Ressaltamos a importância da realização desses serviços apenas por profissionais habilitados, para evitar prejuízos à rede elétrica e aos consumidores.

Morreu de choque. Podia ter sido doença do rato, mas não esperou. Se ele tivesse aqui, ia achar graça.

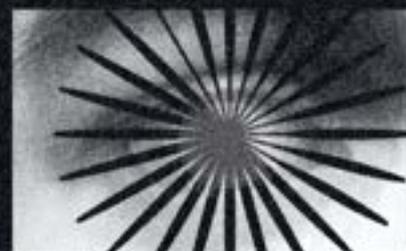
O Corpo de Bombeiros já se encontra no local. A árvore não pôde ser retirada por conta do tamanho e do peso. Mais de uma tonelada. O acidente danificou dois isoladores da rede elétrica. Assim que recebeu a notificação, a Prefeitura enviou suas equipes para o local e providenciou os reparos imediatos.

O eucalipto tinha feito o trabalho dos tratores. Sempre teve essa intenção? Bem que ele olhava pra baixo como se quisesse nos varrer dali. Lá agora passa um viaduto. O prefeito dorme o sono dos justos. Tão bom pra gente! Deu colchão, cobertor, cesta básica. Quem pudesse que morasse com parentes e se reconstruísse. Quem não, fosse ficando na escola. “É da comunidade”, disseram os olhinhos brilhantes dele.

Explorei um pouco aquele terreno desconhecido. Os corredores largos, nada de madeira. Então isso era escola? Numa parede de desenhos, um pescou minha atenção: relógios escorrendo das árvores. Mais tarde aprendi que era cópia. Aquilo já tinha nome e autor. Reconheci nas fissuras do papel o ímpeto de voltar a ser árvore. Nervuras verdes de folha se insinuavam sob os traços. Seria meu primeiro dia de aula.



A RUA
SÃO FRANCISCO



TEM

UMA NOVA FÁBRICA DE CHOCOLATE.

FEITO DO 0
COM cacau 100%
BRASILEIRO.

R. SÃO FRANCISCO
179 CENTRO

CURITIBA

UTOPIA TROPICAL

@UTOPIA_TROPICAL

VENHA

EXPERIMENTAL

CHOCOLATE

FACTORY

CONHECER





*Poemas integrantes de Nikola Tesla (entre o templo da estética e o castelo da técnica), Editora Patuá, 2023***o templo da técnica**

na glândula de eureka
onde nervos se acercam

o miradouro do inédito/
halo por sobre a névoa

há alvéolos & células
nos favos do encéfalo

à revelia do secreto —
o alvo da descoberta!

úvula além da medula/
o novelo que elucubra;

pulsa descarga elétrica
no interior desta cela;

> (*) <

numa arca de faiança/
ou gaiola de estanho

onde encaixa o fórceps
ante a ameaça do dano

nesta caixa ou antro
que chamamos “crânio”

: voz atrás dos olhos
— cosmo neurológico —

a noz/ o cofre de inox
para o *lógos* de Nikola;

e veja aqui, sob a testa,
este mistério incontestel!

o castelo da estética

a massa cinzenta: sêmola
de toda sentença,

nódulo neuronal das lendas
que relembra

ao abrigar em cada uma
de suas células

da aspereza das pedras
à leveza da pétala;

primeiro e último sítio
de qualquer mito e espírito;

sede do novo e do velho,
do crente e do cético

cujo pejo é o desejo
pelo tal “juízo estético”;

eis o cérebro de Tesla
em seu par de hemisférios!

um abismo aberto
entre a euforia e o tédio,

ao aludir do lúdico
utilitarismo (no mistério)

ao surgimento súbito
dos surtos psicodélicos;

seu lar de cálcio e ferro
lacra a mandala

no Cáucaso ático
dos cálculos matemáticos;

o miolo tônico
sob o osso poroso/ o mar

do sonho sob o
solo do corpo; no crânio

está assentado
o seu castelo hermético,

da larga borda de Abraxas
a agora da Via Láctea!

parapsicologia de um insubmisso [1/hum]

— apud Augusto dos Anjos —

Ele, filho não mais do carvão ou do amoníaco
mas das baterias de lítio, nascido sob outro
ímpeto irascível — quase um órfão de Sísifo —
em si mesmo o desvalido da diáspora científica
[(“per aspera ad astra”),

na ítaca nova-iorquina, perdido, em exílio,
arauto da póstera era, época que não dependa
do fóssil como combustível, do átomo/ do diesel,
mas do estímulo à descoberta da incrível quebra,

do credo confesso em registro pelo egrégio enge/
nheiro sérvio (por batismo, Nikola Tesla), do
éter, espécie de esteta; da magia eletrotécnica,
da chama mesma, acesa, chamada corrente elétrica,

e como xamã, brinca com ela, entre diagramas/
ímãs, ao forjar uma antena extrema, buscando
nalguma luz suprema a ordem dos planetas, pa/
ra juntar-se a ela, no centro de uma estrela;

e apenas no entendimento, vislumbraremos seus se/
gredos, tão belos no desenho (lembram obras do
Renascimento) quanto o trajeto da serpente con/
tra o vento, de um a outro extremo do deserto;



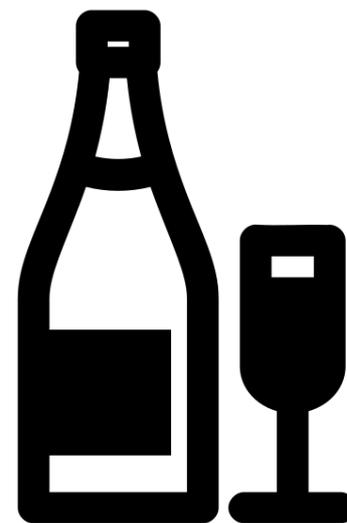
RelevO Drinks



Composto alcoólico de suco de tomate, gin e... cal fino? Em um esforço mixológico inédito, o **RelevO** traz aos seus leitores as novas tendências do universo de drinks. As dicas são especialmente valiosas para o assinante que já sonhou em ter um bar, viver em um bar ou ser operado da cirrose hepática em um bar. Agregamos, ainda, a tendência de o consumidor de drinks a ser feito de trouxa. Quem assina essa jornada de gelo transparente e verdade opaca é a mixologista **Dani Sour**, que apenas pediu uma permuta de sal de frutas como cachê.

Minha Casa, Minha Birita

Provavelmente, você não é o único a estranhar drinks servidos em conserva de pepino ou em encanamento de ralo de pia. Pois saiba que o problema é você! Na coleção de drinks Minha Casa, Minha Birita, outros suportes aparentemente distantes do universo etílico são repaginados para transformar a experiência de beber no bar não numa segunda casa, mas na primeira. O carro-chefe é o drink preparado no suporte de incenso, que deixa a bebida levemente defumada e com cheiro de xixi de gato – odor já aproveitado no segundo coquetel, Katzenurin. Também teve importante recepção positiva em nossos testes prévios o drink preparado na lata de sardinha não lavada: chama-se Esponja, este objeto que catalisa o aroma e o sabor da sardinha em comunhão com o resto de hambúrguer congelado. Por fim, a carta do Minha Casa, Minha Birita homenageia os problemas do brasileiro médio – acostumado a levar cano – com o coquetel Vazamento. O que vai nele? Isso não importa, pois estamos construindo memórias, não sabores.



Trem Azul

O que valorizou mais de 2020 para cá do que o composto Chevette? De R\$ 7 a R\$ 30 em festas do interior do Brasil, a mistura de coquetel alcoólico de limão, suco em pó de baunilha e gelo de água de coco é uma demonstração certa de como a ressaca mais violenta pode ser repetida de maneira prática e até que segura. Pensando nisso, sugerimos o drink Trem Azul, que mistura três bebidas de até R\$ 19,90 em uma roleta-russa ideal para clientes da faixa 14-21 anos. Acrescentamos um corante azul em vias de aprovação pela Anvisa (depois de reprovar no Inmetro), com lobby forte do coletivo Nós Que Bebe, de Prudentópolis (PR).

Trauma Falante

Em 2010, João Carlos, amigo de longa data do Jornal, cursava o 3º Ano do Ensino Médio. Depois de cruzar informações aparentemente desconexas, a verdade veio à tona como uma torre de chope: João Carlos era corno. Antes de problematizar a condição provisória – e merecida, precisamos acrescentar –, ele decidiu ir até o Bar do Miro, próximo da Avenida das Araucárias, na Região Metropolitana de Curitiba, tomar uma latinha de Skol. Empregava ali seus últimos trocados do mês. Quase chorando e sozinho por motivo de vergonha (ou de amigos sinceros), pediu uma “bera bem gelada”. Acabou contemplado com uma latinha falante, com o mesmo visual e peso de uma lata de 350 ml, mas com uma diferença: vazia e com um dispositivo de tecnologia fotossensível que reproduzia algumas mensagens engraçadas, a depender do humor de cada um. Na versão 2023, o **RelevO** Trauma Falante promete experienciar outras situações difíceis a partir da perspectiva do humor, com mensagens ativas para o consumidor com inclusão recente no Serasa, rompimento de joelho ou intoxicação alimentar. Porque beber é bem mais que apenas ingerir um líquido. Sorria!

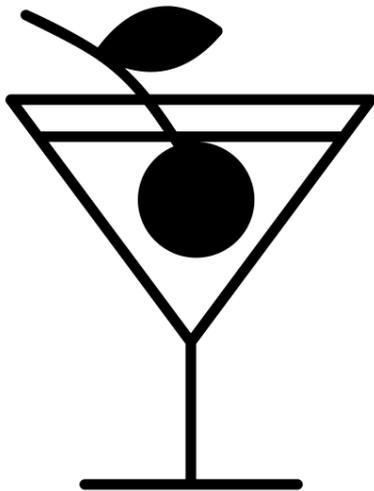




RelevO Drinks

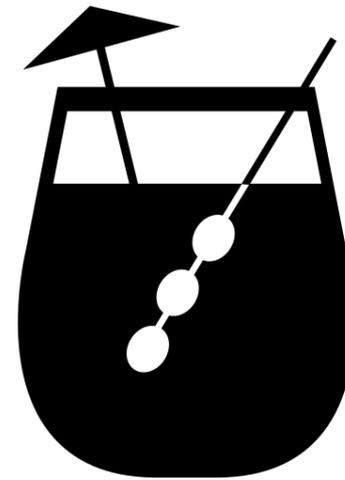
Marombadão

Um grave preconceito da sociedade é a exclusão do maromba do circuito de drinks (o que começará a ser revertido quando o **RelevO** retomar a produção do Wild Chicken, seu whisky com whey, ou Wheysky). Numa leitura rápida, é possível atacar a classe com definições como “esse vagabundo parou de beber e agora tá numa seita da proteína”. Numa leitura um pouco mais profunda, são pessoas que sofrem por excesso de saúde, o que nenhum lobby poderá defender diante dos benefícios do desgraçamento pela via do álcool. Contudo, como o futuro é o nicho, e o nicho já virou nicho do nicho, às vezes lixo – a ponto de ser o bicho –, o drink Marombadão aproveita nosso *know-how* ao transformar whey em vodka e suprir a dificuldade de socialização da turma do “puxo ferro, mas não levo”. Bem, não é vodka, não tem álcool, não dá barato e não combina com despedidas de solteiro, mas tem aparência de drink, tanto por ser transparente quanto por dispor de uma baita azeitona – a nutri liberou! –, e o mais importante: ninguém perceberá que não tem álcool se você agir com naturalidade e continuar urrando de narcisismo.



Vamos trocar fluidos?

Bla bla bla, alguma coisa, modernidade líquida. Quem já pensou “essa bebida tem gosto de p*rr*”, “minha nossa, isso aqui é gasolina pura” ou “ai, que nojo, o cara babou no gole todo” talvez não soubesse que estava apenas precisando ser abastecido por uma boa bebida à base de fluidos. Com patrocínio da Petronor, apoio do **RelevO** e às custas do povo basco, o Fluid Drink aprimora a experiência de beber combustível ao trazer ao mercado brasileiro um composto limpo com afrodisíacos caribenhos, testado em todos os carros esportivos e nas melhores festas de Ibiza. E melhor: é adaptável para cada carro e consumidor, já que o preço na bomba não diferencia CPF de CNPJ. Pode ser consumido na versão Chupeta, Troca de Marcha e Capô de Fusca.



Ai, Papai, Macetei

“*Martini. Shaken, not stirred*” é o que você, virjola que não pega sol há 43 meses, sonha em sussurrar num bar escuro. “Ai, Papai, Macetei” é o que te possibilitará passar a vergonha que quiser – acompanhado. Com uma tecnologia inédita de ginlocalização, o app Ai, Papai, Macetei localiza todos os preparadores de bebidas solteiros que gostam de gin, talentos muitas vezes escondidos em casa sob a premissa de ser domingo, fim do mês ou dia de velório. Em vez de ir ao bar e gastar seus suados R\$ 110 em três bebidas com gelo gigantesco, o app aproxima os alcoólatras a partir de suas preferências para drinks, que podem ser comprados pelo próprio Ai, Papai, Macetei, inclusive pelo sistema de pagamento AiPapi. A versão premium ainda disponibiliza um mapa da amizade em tempo real com os círculos sociais que você, bêbado incalável, pode estragar com suas histórias do Ensino Médio. Uso gratuito. MacetoPremium: R\$ 9,90 mensais.





E N C L A V E
a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Acesse todos os vídeos dos quais falamos no texto:



Marco Pierre White

- O Diabo na Cozinha

A **Enclave** de hoje trata – inédita e indiretamente – de gastronomia. A *newsletter* nunca comeu num restaurante com estrela Michelin, tampouco ingeriu alguma estrela, nem mesmo assistiu (a) algum Masterchef. Portanto, vamos nos limitar a aspectos mais simbólicos (poéticos?) da temática.

O nome do *chef* **Marco Pierre White** não apenas parece resumir uma aliança da Primeira Guerra Mundial. Também singulariza um indivíduo inglês notável na cozinha – e notabilizado além dela.

Aos 32 anos, White foi o mais jovem a receber três estrelas Michelin. Isso equivale a ganhar três Copas do Mundo (mas é bem menos interessante). Também é tido como o primeiro *chef* celebridade, e aparentemente já fez Gordon Ramsay chorar. Nada disso nos interessa muito.

O que realmente cativa na figura de Marco Pierre White é, primeiro, o simbolismo de sua trajetória; segundo, ouvi-lo falar.

Porque este inglês alto, cabeludo e *revoltadinho* abandonou suas três estrelas Michelin e se aposentou. Cansado de “ser avaliado por pessoas que entendem menos que eu” e indisposto a manter um restaurante apenas com seu nome – isto é, sem participar ativamente das tarefas diárias –, White, até então um *rockstar* de dólmã, decidiu largar a maratona de trabalho intenso que o levava ao topo. Ele se aposentou em 1999, aos 39 anos.

De origem operária em Leeds, Marco Pierre White se mudou para Londres aos 16 anos – sem dinheiro nem projeção. Lá, trabalhou sob a tutela de Pierre Koffman, Raymond Blanc e Nico Ladenis (a honestidade intelectual nos obriga a apontar que esses nomes não nos indicam absolutamente *nada*).

Seis anos depois, já tinha o próprio restaurante – e a primeira estrela Michelin. Com o tempo, minado por cigarro, álcool e falta de sono, o jovem *chef* construiu sua imagem de intenso, explosivo e errático – um *enfant terrible* –, traços ocultos hoje.

Há registros de entrevistas do começo de sua carreira em que, emburrado com uma jornalista, White ainda não domina seus poderes comunicativos. Fica evidente como – hoje – ele contornaria a situação desconfortável com a elegância assertiva pela qual é reconhecido atualmente.

Uma síntese de seu magnetismo pode ser verificada quando ele cortou cebolas sem abandonar o contato visual com os participantes do Masterchef Austrália. Precisão técnica milimétrica, olhar intenso sobre os óculos, oratória impecável, lição clara. Outra, nessa vulnerável entrevista em um *talk show* irlandês.

Afinal, Marco Pierre White intimida. O sujeito é alto e dispõe de compleição robusta e de voz firme. Suas frases intervaladas (e, pelo contexto, muitas vezes acompanhadas de uma faca...) o transformam numa mistura de Hannibal Lecter com um cobrador de dívidas eslavo.

É interessantíssimo, praticamente viciante, vê-lo falar. Talvez nada deixe isso mais evidente do que seu Q&A na Oxford Union: White narra a própria vida com um raciocínio claríssimo, uma capacidade assustadora de articulação. Ele soa como se lesse um livro pronto. Essas sim, características que admiramos em qualquer um.

“Cozinhar deve ser prazeroso; se for um trabalho, peça comida.” Depois de fechar um contrato milionário com a Knorr, Marco Pierre White administra restaurantes e pubs em seu nome. Sua autobiografia, *O Diabo na Cozinha*, foi traduzida em Portugal.



Poesia, contos, ensaios, artes visuais e mais algumas surpresas. Assine por R\$ 70 ao ano. **Relevo**



Jonathan Crary

Trecho do livro Terra arrasada – Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista, Ubu Editora, 2023

CAPÍTULO 1

Sim, é noite, e outro mundo amanhece. Duro, cínico, iletrado, amnésico, girando em falso [...]. Esparramado, achatado, como se a perspectiva e o ponto de fuga houvessem sido abolidos [...]. E o estranho é que os mortos-vivos deste mundo se baseiam no mundo de antes [...].

Philippe Sollers, apud Jean-Luc Godard, *Histoire(s) du cinéma*

Se for possível um futuro habitável e partilhado em nosso planeta, será um futuro off-line, desvinculado dos sistemas destruidores de mundo e das operações do capitalismo 24/7. No que quer que persista do mundo, a arquitetura de grid que hoje habitamos será uma parte fragmentada e periférica das ruínas a partir das quais talvez despontem novas comunidades e projetos inter-humanos. Se tivermos sorte, uma era digital de vida breve será superada por uma cultura material híbrida baseada em antigos e novos modos de vida e de subsistência cooperativa. Há, hoje, em meio à intensificação dos processos de derrocada social e ambiental, uma conscientização cada vez maior de que uma vida diária obscurecida em todos os aspectos pelo complexo internético cruzou um limiar de irremediabilidade e toxicidade. É algo conhecido ou percebido por um número cada vez maior de pessoas, à medida que cada uma delas vivencia, em silêncio, suas consequências danosas. As ferramentas e os serviços digitais utilizados por indivíduos do mundo inteiro estão subordinados ao poder das corporações transnacionais, das agências de inteligência, do crime organizado e de uma elite de sociopatas bilionários. Para a maioria da população da Terra à qual foi imposto, o complexo internético é o motor implacável do vício, da solidão, das falsas esperanças, da crueldade, da psicose, do endividamento, da vida desperdiçada, da corrosão da memória e da desintegração social. Todos os seus alardeados benefícios tornam-se irrelevantes ou secundários diante desses impactos nocivos e sociocidas.

O complexo internético é hoje inseparável da abrangência imensa e incalculável do capitalismo 24/7 e de seu frenesi voltado à acumulação, à extração, à circulação, à produção, ao transporte e à construção, tudo em escala global. Comportamentos antagônicos à possibilidade de um mundo

habitável e justo são estimulados em quase todos os aspectos das operações on-line. Movidas por apetites artificialmente produzidos, a velocidade e a ubiquidade das redes digitais maximizam a prioridade incontestável do tomar, possuir, cobiçar, ressentir, invejar — todas elas prioridades que levam adiante a deterioração de um mundo que, operando incessantemente e desprovido das possibilidades de renovação ou de recuperação, sufoca em seu próprio calor e em seu próprio lixo. O sonho tecnomodernista de um planeta como canteiro colossal de obras de inovação, de invenção e de progresso material continua a angariar defensores e apologistas. A maior parte dos muitos projetos e indústrias de energia “renovável” são pensados para a perpetuação dos bons e velhos negócios e para a manutenção de padrões devastadores de consumo, de concorrência e de uma desigualdade intensificada. Programas voltados para o mercado, como o Green New Deal¹ são completamente despropositados, pois não fazem nada para desativar a expansão de uma atividade econômica desprovida de sentido, os usos desnecessários de energia elétrica ou as indústrias globais extrativistas que são estimuladas pelo capitalismo 24/7.

Este livro se alinha à tradição de agitação social que tem como objetivo dar voz àquilo que é vivido em comum àquilo que é conhecido ou parcialmente conhecido em comum, mas negado por uma enxurrada implacável de mensagens que insistem na imutabilidade de nossas existências administradas. Dia após dia, muitas pessoas sentem de forma visceral o empobrecimento de suas vidas e esperanças, mas têm apenas uma consciência hesitante sobre quanto essas percepções são compartilhadas com os outros. Meu objetivo, aqui, não é apresentar uma análise teórica cheia de nuances, e sim, nestes tempos de emergência, afirmar a verdade dessas compreensões e experiências

compartilhadas e insistir que formas de recusa radical, e não de adaptação e resignação, são não apenas possíveis como necessárias. O complexo internético opera como uma proclamação sem fim de sua própria imprescindibilidade e da insignificância de toda forma de vida que continue avessa à assimilação de seus protocolos. Sua onipresença e incrustação no interior de quase todas as esferas de atividade pessoal e institucional tornam impensável a noção de sua impermanência ou marginalização pós-capitalista. Mas, em sua aceitação passiva de rotinas on-line entorpecedoras como sinônimas da vida, essa impressão sinaliza um fracasso coletivo de imaginação. A mudança é impensável somente na medida em que nossos desejos e nossos laços com outras pessoas e espécies permaneçam feridos e incapacitados.

O filósofo Alain Badiou observou que é nesse ponto de aparente impossibilidade que as condições para a insurreição afloram: “a política emancipatória consiste sempre em fazer parecer possível justamente aquilo que, visto de dentro da situação, é declarado impossível”.² As vezes mais estridentes a declarar essa impossibilidade são aquelas que se beneficiam da perpetuação das coisas como elas são, que prosperam como funcionamento ininterrupto do mundo capitalista — pessoas que se beneficiaram em termos profissionais, financeiros ou narcísicos com a ascensão e a expansão do complexo internético. Elas perguntarão, incrédulas: como poderíamos viver sem algo de que dependem todos os aspectos da vida financeira e econômica? Traduzindo, o que de fato se pergunta é: como poderíamos nos virar sem um dos elementos nucleares da cultura e da economia technoconsumistas que levaram a vida na Terra à beira do colapso? Viver em um mundo que não seja dominado pela internet, dirão elas, significaria ter que mudar tudo. Sim, é exatamente isso.

Qualquer caminho possível para um

planeta com condições de sobrevivência será bem mais doloroso do que a maioria das pessoas reconhece ou está disposta a admitir abertamente. Uma camada fundamental da luta por uma sociedade igualitária nos próximos anos consiste na criação de arranjos sociais e pessoais que abandonem a dominância do mercado e do dinheiro sobre nossas vidas em coletividade. Isso significa a rejeição de nosso isolamento digital, a reivindicação do tempo como tempo vivido, a redescoberta de necessidades coletivas e a resistência a níveis crescentes de barbarismo, incluindo a crueldade e o ódio que emanam dos ambientes on-line. A tarefa de uma reconexão humilde com o que resta de um mundo repleto de outras espécies e formas de vida será igualmente importante. Isso poderá ocorrer de inúmeras formas, e, mesmo que sem reconhecimento público, grupos e comunidades em todas as partes do mundo estão avançando em algumas dessas empreitadas de restauração.

Apesar disso, muitos daqueles que compreendem a urgência de uma transição para alguma forma de ecossocialismo ou pós-capitalismo de crescimento zero são pouco cuidadosos ao presumir que no futuro, de algum modo, a internet e seus aplicativos e serviços atuais persistirão e funcionarão tal como de costume, lado a lado com esforços voltados à habitabilidade do planeta e a arranjos sociais mais igualitários. Há uma falha de concepção anacrônica segundo a qual a internet poderia simplesmente “mudar de mãos”, como aconteceria com um serviço de telecomunicações em meados do século 20 — nos moldes de uma Western Union ou de estações de rádio ou de televisão —, passível de receber novos usos com a transformação do contexto político e econômico. Mas a noção de que a internet funcionaria de forma independente das operações catastróficas do capitalismo global é só mais uma das ilusões estupefacientes do atual

momento. Uma e outro estão estruturalmente entrelaçados, e a dissolução do capitalismo, quando vier, será o fim de um mundo pautado pelo mercado e moldado pela rede de tecnologias do presente. Sem dúvida haverá meios de comunicação em um mundo pós-capitalista, como sempre houve em todas as sociedades, mas eles guardarão pouca semelhança com as redes financeirizadas e militarizadas em que hoje estamos enroscados. Os vários aparelhos e serviços digitais que usamos são possíveis graças a uma exacerbação sem fim da desigualdade econômica e à desfiguração acelerada da biosfera terrestre, causada pela extração de recursos e por um consumo desnecessário de energia.

O capitalismo sempre significou a união de um sistema abstrato de valor com as externalizações físicas e humanas a ele correspondentes, mas, com as redes digitais contemporâneas, há uma integração mais completa dos dois. A interconexão de todos os telefones, laptops, cabos, supercomputadores, modems, fazendas de servidores e torres de telefonia celular é a concretização dos processos quantificáveis do capitalismo financeirizado. A distinção entre capital fixo e circulante fica permanentemente borrada. Ainda assim, muitos permanecem presos à imagem falaciosa da internet como um agenciamento tecnológico independente, como um conjunto de ferramentas — e a predominância de aparelhos que cabem nas mãos amplifica essa ilusão.³ No começo dos anos 1970, o crítico social Ivan Illich desenvolveu uma definição abrangente de “ferramenta” que incluía “artefatos racionalmente projetados, instituições produtivas e funções arquitetadas”. As ferramentas, escreveu Illich, são intrinsecamente sociais, e ele as analisava segundo uma oposição fundamental: “em sua ação, um indivíduo se relaciona com a sociedade por meio do uso ou das ferramentas que domina ativamente ou daquelas pelas quais é afetado passivamente”.⁴ Illich enfatizava que as pessoas extraem felicidade e satisfação do uso de ferramentas “menos controladas por terceiros” e alertava que “o crescimento das ferramentas para além de um certo ponto aumenta a arregimentação, a dependência, a exploração e a impotência”. No final dos anos 1990, poucos anos antes de sua morte, Illich notou o desaparecimento da técnica como ferramenta que se apresentava como um meio destinado a um fim, como um instrumento com o qual um indivíduo poderia investir sentido no mundo. No lugar disso, percebeu a disseminação de tecnologias cujas regras e operações absorviam as pessoas. Ações que antes eram ao menos parcialmente autônomas agora se manifestavam como comportamentos “sistema-adaptativos”.⁵ Dentro dessa realidade sem precedentes históricos, todas as metas e os fins que perseguimos deixam de ser aqueles que escolhemos efetivamente.

Apesar de sua novidade histórica, o complexo internético é uma ampliação e uma consolidação de arranjos que há muitos anos estão em operação ou têm sido concretizados em parte. Como colcha de retalhos de elementos concebidos em diferentes épocas e com uma variedade de usos — alguns dos quais remontam às configurações para os fluxos financeirizantes de eletricidade, projetadas nos anos 1880 por Thomas Edison e George Westinghouse, depois usurpadas por J. P. Morgan —, a internet dificilmente poderia ser compreendida como um bloco monolítico. Atualmente, testemunhamos o ato final do projeto insensato e incendiário de um mundo completamente conectado, da crença irresponsável de que a disponibilidade de energia elétrica 24/7 para um planeta com 8 bilhões de pessoas poderia ser alcançada sem as consequências desastrosas que agora ocorrem por toda parte.

A quase instantaneidade da conectividade da internet faz dela o cumprimento da previsão de um mercado global (*Weltmarkt*) feita por Marx nos anos 1850. Marx viu a inevitabilidade da unificação capitalista de um mundo no qual limitações à velocidade de circulação e de troca viriam a ser progressivamente reduzidas graças à “anulação do espaço pelo tempo”.⁶ Ele também compreendeu que o desenvolvimento de um mercado mundial levaria necessariamente à “dissolução da comunidade” e de todas as relações sociais independentes da “tendência universal do capital”. Assim, mesmo que mais generalizado hoje, o isolamento associado às mídias digitais é uma continuidade da fragmentação social produzida por forças institucionais e econômicas ao longo do século 20. A materialidade das mídias pode ter mudado, mas as mesmas experiências sociais de separação, desempoderamento e desmantelamento da comunidade não só continuam como se intensificam. O complexo internético rapidamente se tornou parte essencial da austeridade neoliberal ao promover a continuada erosão da sociedade civil e ao substituí-la por simulações on-line monetizadas de relações sociais. Esse complexo fomenta a crença de que já não dependemos uns dos outros, de que somos administradores autônomos de nossas próprias vidas, de que podemos gerir nossas amizades da mesma forma como gerimos nossas contas on-line. Ele também potencializa aquilo que a teórica social Elena Pulcini chama de “apatia narcísica” de indivíduos esvaziados do desejo por comunidade e que vivem em conformidade passiva com a ordem social existente.⁷

Desde o final dos anos 1990 ouvimos sem cessar que as tecnologias digitais dominantes “vieram para ficar”. A narrativa-mestra segundo a qual a civilização mundial adentrou a “era digital” promove a ilusão de uma época histórica cujas terminações materiais estão além de toda

e qualquer possibilidade de intervenção ou alteração. Um dos resultados disso tem sido a aparente naturalização da internet, que, hoje, muitos supõem estar imutavelmente instalada no planeta. Todas as numerosas mistificações das tecnologias da informação ocultam quão inseparáveis elas são dos estratagemas esperneantes de um sistema global em crise terminal. Fala-se muito pouco sobre como a financeirização da internet depende intrinsecamente de uma economia global que, tal qual um castelo de cartas, já começa a oscilar e enfrenta a ameaça adicional dos impactos plurais do aquecimento planetário e do colapso das infraestruturas.

As declarações iniciais sobre a permanência e a inevitabilidade da internet coincidiram com várias celebrações do “fim da história”, nas quais o capitalismo global de livre mercado foi declarado vencedor, sem rivais à altura e dominante de forma perpétua. Mesmo que, em termos geopolíticos, essa ficção tenha implodido rapidamente no começo dos anos 2000, a internet parecia validar a miragem da pós-história. Ela aparentava introduzir uma realidade padrão uniforme e definida pelo consumo, alheia ao mundo físico e à escalada de conflitos sociais e desastres ambientais. O advento das redes sociais, com todas as suas aparentes oportunidades para autoexpressão, chegou a sugerir, por pouco tempo, uma concretização empobrecida do horizonte de autonomia e de reconhecimento para todos formulado por Hegel. Agora, contudo, como componentes constitutivos do capitalismo do século 21, as funções-chave da internet incluem a desativação da memória e a absorção das temporalidades vividas — não o fim da história, mas sua transformação em algo irreal e incompreensível. A paralisia da lembrança ocorre individual e coletivamente: ela pode ser notada na transitoriedade dos artefatos “analógicos” que são digitalizados — em vez de serem preservados, têm como destino o esquecimento e a perda, que não são percebidos por ninguém. Do mesmo modo, nossa própria descartabilidade é refletida em aparelhos que definem nossa identidade e que logo se transformam em lixo digital. Os próprios arranjos que supostamente “vieram para ficar” dependem da efemeridade, da desaparecimento e do esquecimento de todas as coisas duráveis ou permanentes com as quais possa haver compromissos partilhados. No final da década de 1980, Guy Debord observou o grau de difusão dessas temporalidades: “quando o importante se torna socialmente reconhecido como o que é instantâneo, e vai sê-lo um instante depois — diferente e igual —, e que sempre substituirá uma outra importância instantânea, pode-se também dizer que o meio utilizado garante uma espécie de eternidade dessa não importância, que fala tão alto”.⁸

¹ Referência a um conjunto de propostas defendido pelos políticos do Partido Democrata Alexandria Ocasio-Cortez e Edward John Markey. O objetivo é realizar grandes investimentos voltados tanto à reformulação da matriz energética dos Estados Unidos, com a transição para uma economia de baixo carbono, quanto à criação de postos de trabalho necessários à implementação, modificação e manutenção da infraestrutura nacional de energia. [n. t.]

² Alain Badiou, *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil*, trad. Peter Hallward. London: VVerse, 2012, p. 121

³ Para uma análise da “magnitude de nosso fracasso em perceber a dimensão política da tecnologia”, cf. Alf Hornborg, “Technology as Fetish: Marx, Latour, and the Cultural Foundations of Capitalism”. *Theory, Culture and Society*, v. 31, 2014, pp. 119–40.

⁴ Ivan Illich, *Tools for Conviviality*. New York: Harper and Row, 1973, pp. 20–21.

⁵ Jean Robert, “Energy and the Mystery of Iniquity”, in *The Challenges of Ivan Illich*, org. Lee Hoinacki e Carl Mitcham. New York: suny Press, 2002, p. 186.

⁶ Karl Marx, *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. Esboços da crítica da economia política [1939], trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 432. Cf. também Antonio Negri, Marx além de Marx: ciência da crise e da subversão. Caderno de trabalho sobre os Grundrisse [1979], trad. Bruno Cava. São Paulo: Autonomia Literária, 2016, pp. 215–18.

⁷ Elena Pulcini, *The Individual without Passions*, trad. Karen Whittle. Lanham, md: Lexington, 2012, pp. 129–30.

⁸ Guy Debord, “Comentários sobre a sociedade do espetáculo” [1988], in *A sociedade do espetáculo*, trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 178.

Finuala Dowling

Tradução de Shara Lopes e Ana Elisa Volpato

Finuala Dowling nasceu em 1962 na Cidade do Cabo, na África do Sul. Publicou vários livros de poemas e romances, além de compor antologias poéticas. Sua primeira antologia poética, *I flying*, publicada em 2002, venceu o prêmio Ingrid Jonker Prize. Além disso, foi premiada no Sanlam Award for Poetry, no Olive Schreiner Prize e no M-Net Literary Award, na categoria “Inglês”. Na edição de março do **RelevO**, publicamos poemas do livro *Notas da ala de demência*, intitulado *Notes from the Demencia Ward* no original.

Summarising life

Summarising life is not easy.

My first try went like this:

You're born,
you go to the dentist,
then you die.

But that didn't quite capture all the pain,
so I tried again:

You're born,
you take your car to the mechanic,
then you die.

I was getting warmer,
I was definitely in the right room;
I just didn't know which cupboard life was in.

That's when I looked out of the window:
the full moon ran across the bay towards me
and Paderewski played Chopin on the TV.

So I wrote:
You're born, you hear the *Polonaise heroïque*;
you forget the dentist and the mechanic,
then you die.

No, not quite. Try, try, try:

You die. You go to the dentist.
You take your car to the mechanic.
You look out of the window.
The full moon runs towards you across the sea.
Paderewski brings his hands down on the keys.

You're born, you start crying.
Eventually, you do die.

But the only part you're conscious of
— the only part that stays —
is the *Polonaise*.

Resumir a vida

Resumir a vida não é fácil.

Minha primeira tentativa ocorreu assim:

Você nasce,
você vai ao dentista,
aí você morre.

Mas isso não capturou muito bem toda a dor,
então eu tentei novamente:

Você nasce,
você leva seu carro ao mecânico,
aí você morre.

Eu estava ficando mais quente,
eu definitivamente estava no local certo;
só não sabia em que armário a vida estava.

Foi quando eu olhei pela janela:
a lua cheia atravessava a baía em minha direção
e Paderewski tocava Chopin na TV.

Então eu escrevi:
Você nasce, você ouve a *Polonaise héroïque*;
você esquece o dentista e o mecânico,
aí você morre.

Não, ainda não. Tente, tente, tente:

Você morre. Você vai ao dentista.
Você leva seu carro ao mecânico.
Você olha pela janela.
A lua cheia vem em sua direção atravessando o mar.
Paderewski descansa suas mãos sobre as teclas.

Você nasce, você começa a chorar.
Finalmente, você morre.

Mas a única parte de que você está consciente
— a única parte que permanece —
é a *Polonaise*.

Detoxing

What happened was that on Friday
My brother gave me a complete shiatsu treatment,
which obviously released all my toxins
because on Saturday morning
the room was swaying so much
I staggered to the bathroom and threw up
then crept back to bed
where I sweated, shivered and eventually slept

When I woke up, I looked `quite grey`:
people had been peeping around the door at me.

My sisters fussed around, make black tea.
I stayed in bed even after the nausea passed.

My daughter loved having her mother captive
— came and crept in with me

We listened to the radio and chatted.
Then I finished some marking while she played Lego.

She wanted to know about apartheid
— couldn't get over that I went to an all-white school:

'I'm glad I've had a much happier childhood', she said.
'Imagine not having Joshua or Mr Williams or anyone!'

Which is to say that you can be sick;
you can be unhappy, without knowing.

Desintoxicando

O que aconteceu foi que numa sexta-feira
meu irmão me deu um tratamento de shiatsu completo,
o que obviamente liberou todas as minhas toxinas
porque no sábado pela manhã
o quarto estava balançando muito
eu cambaleei para o banheiro e vomitei
e rastejei de volta pra cama
onde suei, tremi e finalmente dormi.

Quando acordei, estava meio pálida:
as pessoas ficaram me espiando perto da porta.

Minhas irmãs discutiram ao redor, fizeram chá preto.
Eu fiquei na cama mesmo depois que a náusea passou.

Minha filha amou ter sua mãe cativa
— vinha e se infiltrava comigo.

Nós ouvimos o rádio e conversamos.
Então eu acabei alguns afazeres enquanto ela jogava lego.

Ela quis saber sobre o apartheid
— não conseguia superar o fato de eu ter frequentado uma escola só para brancos:

"Eu sou grata que tive uma infância muito mais feliz", ela disse.
"Imagine não ter Joshua ou Sr. Williams ou ninguém!"

O que significa dizer que você pode estar doente;
você pode estar infeliz sem saber.

Birthday in the dementia ward

We are discussing her eight-sixth birthday.
She pulls herself up from her cushions:
'I wonder — I would really like my mother to come —
could you arrange that!'

(Your mother was born in 1888,
even if she were Japanese
she could not come.)

'I'll see if I can arrange transport.'

Aniversário na ala de demência

Nós estamos discutindo sobre seu octagésimo sexto aniversário.
Ela se ajeita em suas almofadas:
"Eu estava pensando — queria muito que minha mãe viesse —
você poderia organizar isso?"

(Sua mãe nasceu em 1888,
mesmo que ela fosse japonesa
ela não poderia vir.)

"Eu verei se consigo arranjar transporte."

 **Editora independente
e Estúdio Literário**

- Edição e revisão de texto
- Capa e projeto gráfico
- Leitura crítica

✉ contato@milpalavraspor dia.com
www.milpalavraspor dia.com

emmas - chamadas - concursos - artigos - oficinas - podcast - conteúdo - mentiras - livros - newsletter - lives - mais mentiras - mais poemas - mais chamadas

fazia.
portal
poesia

• acesse •
faziapoesia.com.br

• siga •
@faziapoesia

A Equipe Editorial do portal Fazia Poesia,
munida de plena sanidade mental e dividas,
deseja um feliz Natal e um próspero 2022.

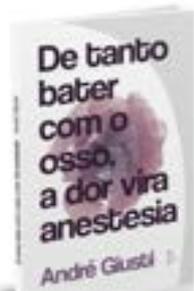
É o mínimo.

artigos - em breve tradução - em breve e breve - em breve mais antídotos (e a gente tiver dinheiro pra isso) - cert list pas une antido no rideo - poesia contemporânea - poe

Valentina Chakr

E se lhamas usassem tiaras?

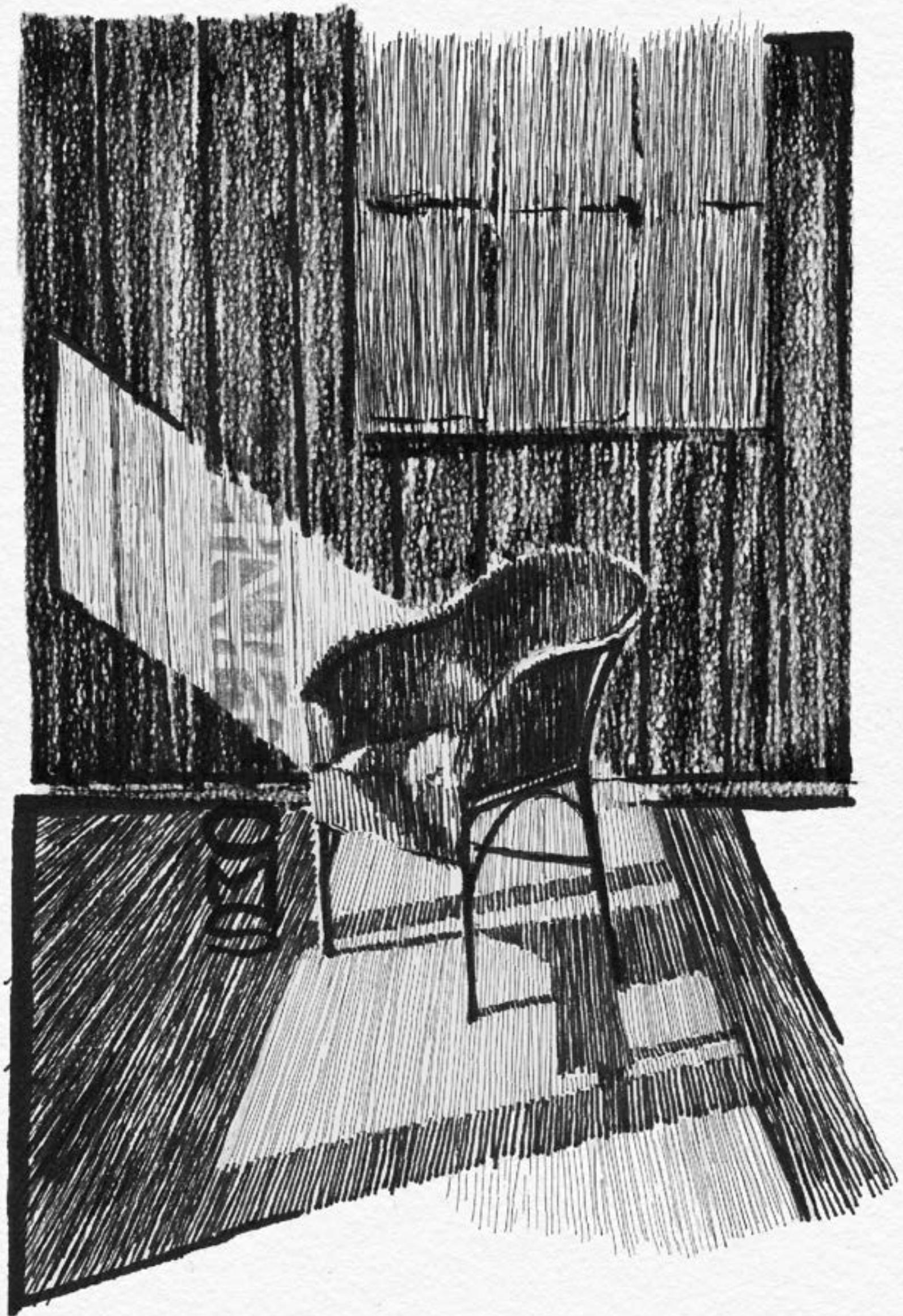
Se lhamas usassem tiara, a claridade as incomodaria.
 E comprariam óculos escuros.
 Se lhamas usassem tiara e óculos escuros, precisariam de uma bolsa para guardar os óculos.
 E veriam necessidade de ter sapatos para fazer par com a bolsa.
 Se lhamas usassem sapatos, em seguida iam querer colocar um vestido para combinar com os sapatos.
 E ficariam muito garbosas.
 Se lhamas usassem vestido, precisariam de colar e brincos para completar o visual.
 Se lhamas usassem colar e brincos, outras lhamas iriam invejá-las.
 E para superá-las, usariam maquiagens caras, roupas de grife e perfumes importados.
 E inclusive pagariam para esticar a pele e diminuir a gordura da pança.
 E aí a vida viraria um drama.
 Sempre insatisfeitas, ficariam neuróticas e precisariam se tratar.
 O médico logo indicaria tiara nunca mais usar.



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também.

Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Padecimentos e alegrias de três tipos de amores

Yuri Araújo

Também o que é doloroso pode ser verdadeiro.
(S. Freud, *A transitoriedade* [1916])

Dos muitos tipos de amores existentes, talvez seja o caso de nos atentarmos para três possibilidades da dinâmica amorosa. Os três tipos aqui reunidos — os não enviados, os extravaiados e os reencontrados — são modalidades distintas de manifestação do fenômeno amoroso, mas todas mantêm uma comunicação íntima entre si. A linha que as unem não é nada mais do que apenas aquela que perpassa as possibilidades e imprevisibilidades da vida cotidiana. Uma vida, como sabemos, marcada por encontros e desencontros, dores e alegrias. Nesse breve texto, se recorro a uma mistura da forma ensaística e ficcional é justamente para dar conta desses contornos dos amores possíveis, sem, evidentemente, a pretensão de esgotá-los ou reduzi-los às reflexões aqui dispostas.

I. Amores não enviados

Sempre temi mais os amores não enviados do que os não correspondidos. Reter um amor e não dar vazão ao que se sente é como sofrer de alma alagada. E nada mais angustiante do que represar o curso daquilo que flui por vocação. Quem padece de amores não correspondidos talvez seja menos descontente do que aquele que se aventura de recusas do dizer, pois seres vocacionados ao amor contradizem-se quando acumulam palavras não ditas. Quando o fazem, esses mesmos seres são tomados por um mal-estar radical: o medo de dizer esconde o medo de ouvir, a recusa de dar impede o receber. Não é por acaso que somos seres vocacionados ao amor — toda vocação é um chamado, todo amor é um ato de chamar: te chamo, te chamo muito, te chamo porque, sem te chamar, eu sucumbiria ao silêncio do mundo sem nomes.

Quem não chama o amado está condenado ao mutismo amoroso e privar-se do gosto das palavras é como uma pequena morte. Quem vive no mundo das palavras insossas e das expressões empobrecidas desconhece a erótica da linguagem. Não que seja fácil letrar-se na língua do amor — toda vocação se realiza apenas com esforços e temos que lidar com o estranho fato do amor sempre falar em língua estrangeira. Mas quem se atreve a enviar seus amores alegra-se mais com o gesto de amar o amor e por isso não sofre como quem acredita que é possível amar odiando a palavra. Calar-se perante o amor é sempre um desperdício de linguagem. Eis, portanto, o paradoxo do avarento: acumular não ditos é desperdiçar toda possibilidade do dizer.

Não corresponder um amor e não ser correspondido é algo frequente nas misérias do cotidiano. Mas, na época das mensagens instantâneas e visualizações, estamos todos inclinados a acreditar apenas na positividade de nossos envios e, por consequência, lidamos mal com a negatividade da demora ou do não alinhamento. O tempo de resposta se tornou uma moeda de troca e a nossa impaciência narcísica tem pressa, anseia pelo dia em que se inventará uma balança da reciprocidade amorosa capaz de aferir claramente se se é amado tanto quanto se ama. Essa invenção considerará as estatísticas de engajamento, likes, comentários; otimizará toda estratégia de sedução, tornando-a produtiva e menos dispendiosa. Ao fim e ao cabo teremos em nossas mãos um relatório sintético, objetivo, frio e preciso: o amor foi abolido.

O medo de viver a incongruência de um amor não correspondido talvez faça com que alguém prefira não enviá-lo. O escuro do jogo amoroso faz com que mobilizemos nossos arcaicos

instintos de sobrevivência e, quando acuados, nos encaramujamos. Mas a ideia de correspondência merece um olhar mais atento para suas margens sutis. Corresponder não é necessariamente alinhar-se de forma simétrica; a correspondência é uma relação entre remetente e destinatário, independente do tipo de resposta que se recebe. É um pacto linguístico, uma aposta na nossa capacidade de compreensão. Mais uma vez: quem recebe uma negativa do amado é mais feliz do que quem dele nada recebe, por nada ter enviado.

Arrependimento corrosivo, alagamento de covardia. Alojamento medroso no império da timidez, sufocamento de não ditos. Padeecer de amores não enviados é ficar suspenso na vertigem do “e se?”. É preferível, portanto, viver correspondências possíveis do que solitários monólogos.

II. Amores extravaiados

Primeira cena: Ao atravessar uma rua em mais um dia intenso de trabalho, o carteiro Hermes da Silva não percebeu o carro desenfreado que vinha em sua direção. Infelizmente, o homem de 34 anos morreu nesse acidente trágico. O impacto do acidente arremessou longe sua bolsa cheia de correspondências a entregar. Ocupados em socorrer o carteiro, ninguém se ateu à bolsa, que era apenas um desprezível detalhe de seu ofício. Esquecida na sarjeta por alguns dias, uma pessoa a encontrou acreditando que dentro dela poderia haver algo de valioso. Levou-a consigo, mas, quando a abriu, percebeu que ali só tinha palavras. Palavras de cobrança, palavras de lembrança, palavras de aviso, palavras de amor. Então descartou todos os envelopes em uma lixeira e ficou com a bolsa vazia, que poderia lhe ser útil.

Segunda cena: Lucas trabalha em uma empresa de telemarketing.

Todos os dias, das oito às cinco, ele reveza seus sentidos de audição e visão na ingloria tentativa de vendas de planos. Largou a faculdade de Letras porque precisava de dinheiro e, depois de algumas tentativas, conseguiu esse emprego no centro da cidade. Seu interesse pela palavra se manteve mesmo longe da universidade e nos tempos livres alimentava-se com um blog pessoal.

Mas algo não ia bem. Lucas estava com insônia, não comia direito, ora se alegrava, ora se entristecia. Uma ideia fixa tomava seus pensamentos e, ao fundo de todo gesto que fazia e palavra que pronunciava com seus potenciais clientes, se encontrava um nome, apenas um nome: Otávio. Apaixonado, perdido nos túneis de sua fantasia, Lucas delirava. Quis, então, dar vazão ao que sentia. Era isso ou morrer à deriva da palavra. Se põe a escrever. Dribla seu chefe com alguns cliques no mouse e, em vez de escrever para si, abre a página do e-mail. No destinatário coloca o endereço eletrônico de Otávio, no assunto teclou a sequência de letras que lhe cabiam: “urgente”. Acreditava que enviar um e-mail amoroso era análogo a enviar uma carta importante. Redige sua declaração, resgata todo o vínculo passado com Otávio, revela que, por baixo de sua amizade, se escondia uma paixão silenciosa. E agora era urgente falar. Termina de escrever, sente-se aliviado. Não hesita em enviá-lo e assim o faz.

Passaram alguns dias. Lucas estranhou a ausência de resposta de Otávio. O que significava esse silêncio? Havia o assustado? Ele precisava de mais tempo para digerir toda aquela liberação emocional? Inquieto, Lucas decide mandar uma mensagem no celular de Otávio. “Leu meu e-mail?” Alguns minutos se passaram e seu amado lhe devolve a pergunta: “Que e-mail? Não recebi nada.” Lucas então percebe imediatamente que enviou sua

declaração pelo e-mail da empresa e que provavelmente seu chamado amoroso foi extraviado como um spam qualquer. Retrucou sinalizando que talvez o e-mail estivesse nessa espécie de limbo eletrônico. Mas não havia mais esperança: Otávio havia configurado sua página de correspondência virtual para bloquear todos os anúncios de empresas. Eles nem chegavam à pasta de spams. Lucas olhou para essa mensagem e não soube como reagir. Pensou em mandar um emoji, mas foi interrompido por seu chefe.

Terceira cena: Helena e Paulo estavam separados por 20 quilômetros de distância quando deslizavam seus dedos pelo aplicativo de relacionamentos. Quando se depararam com a foto um do outro, se interessaram e, depois do match, iniciaram uma conversa agradável. Os dias se passaram e o contato entre os dois aumentava progressivamente. Helena estava surpresa com a fluidez da conversa, tão distinta das frustrantes interações que havia tido com outros rapazes do aplicativo. Paulo, por sua vez, era um iniciante na arte da webpaquera e esse contato com Helena o fez ter boas impressões quanto a essa nova forma de conhecer pessoas. Não demorou muito para que ambos trocassem telefones e, com o avanço da paquera, criassem as melhores expectativas do ansiado encontro.

Helena falava de Paulo com suas amigas, e essas se entusiasmavam com sua felicidade, mas também desconfiavam da virtualidade do vínculo, que poderia ser ilusório. Ele decerto sabia do risco, perguntava-se como era possível apaixonar-se por imagens, por palavras digitadas e áudios de no máximo três minutos. Mas seguia sem medo do real. A presença virtual de Paulo já era suficiente para que ela se sentisse inspirada, motivada a ver em tudo cores de vida. No tempo livre em que descansava de seus projetos e esboços de plantas arquitetônicas, Helena desenhava silhuetas de Paulo em papéis soltos.

Por fim chegou o dia do encontro naquele bar da varanda do Edifício Maletta. Paulo estava atrasado. 15 minutos, meia hora, 45 minutos, uma hora. Aflita, Helena pega seu celular e lhe manda uma mensagem. Mensagem enviada, mas não recebida. Apenas

um tique ao lado da pergunta “cadê você?”. Decide ligar. Primeiro pelo próprio aplicativo de conversa. Ligação não completada. Tenta por ligação da operadora. “Esse número está programado para não receber ligações”. Confere a rede social de Paulo, não mais o encontra. Conta desativada. Sozinha, liga para uma de suas amigas com a voz estremecida.

III. Amores reencontrados

Se um cidadão perde algum de seus documentos na rua, ele deve imediatamente se dirigir até uma agência dos correios. Essa instituição especializada em envios e correspondências também se dedicou a uma política consistente de achados e perdidos, talvez por perceber o elo sutil que existe entre enviar e receber, perder e achar. Não é preciso muito esforço para notar a dialética dos achados e perdidos: eu só perco algo que antes já estava achado, eu só acho algo que se perdeu. Talvez Lucas, ao perder sua carteira de identidade, tenha ido justamente na agência que Hermes da Silva trabalhava antes do fatal acidente. E talvez ambos cruzaram olhares rápidos e desconhecidos na porta da agência. Lucas buscando o perdido, Hermes enviando o que foi por ele recebido. Mas isso é só um detalhe.

Infelizmente, os correios ainda não desenvolveram um subdepartamento de achados e perdidos para casos de perdas e reencontros de amores. Na ausência de uma burocracia sensível sofisticada, inventamos a arte para falar de amores perdidos e reencontrados. Esse é o caso, por exemplo, de *Copo Vazio*, escrito por Natalia Timerman. Mirela, a protagonista do romance, perde Pedro depois de alguns meses de intensa paixão e convívio. Pedro, assim como o Paulo de Helena das linhas anteriores — cena que, diga-se de passagem, foi inspirada no próprio livro de Timerman — praticaram modalidades de *ghosting*. Em ambas as situações, as personagens se confrontam com a angustiante e fantasmagórica presença da ausência. Ambas precisam seguir, mesmo sem saber por onde.

Há, portanto, muitas formas de perder um amor. E há também muitas formas de reencontrá-lo. Evidentemente, não há uma relação direta entre uma e outra, o que significa que

existem perdas que não são passíveis de reencontros. O amante que perdeu seu amado espera que algum dia o reencontre, mas nada está garantido. Seu luto amoroso requer tempo e energia para direcionar sua atenção libidinal para outros objetos, desafixando-se daquele que foi perdido. Mas não é incomum que, antes de retomar seu interesse pelo vasto mundo de objetos possíveis, o amante enlutado dirija sua libido em movimento espiral, recriando-se melancolicamente como o responsável da perda amorosa: eu o perdi porque fui incapaz de mantê-lo próximo.

O insight freudiano foi perceber que, longe de uma modéstia ou senso de genuína responsabilidade, o que explica essa atitude do amante melancólico é um desejo inconsciente de reter o objeto perdido, identificando-o a si mesmo. Dessa forma, o amante abandonado se torna juiz, algoz e vítima de si mesmo. Primeiro se sente injustiçado, depois se transmuta na figura do injusto e sua solução então é fazer justiça às avessas: pune a si mesmo, enquanto é incapaz de punir o outro, já que isso implicaria eliminá-lo, bani-lo de vez; punir a si mesmo significa ainda um ato de esperança, ou um ato de vingança, uma derradeira tentativa de devorar o objeto amado. Assim, nos diz Freud, “refugiando-se no Eu, o amor escapa à eliminação”.

Mas nos alegremos. Imaginemos agora não os amores perdidos e sem volta, mas aqueles que retornam pelas vias do imprevisível. Não mais os amores não enviados ou extraviados, mas os amores reencontrados. O que nos dizem? Consideremos duas possibilidades. Se o tempo enlutado do amante se encerrou e esse conseguiu direcionar sua energia para o mundo, o amado lhe reaparecerá como uma peça de um antiquário. Será mais um item de seu museu afetivo, um lugar de memórias passivas ou conflitivas, mas de certo modo já neutralizadas pela poeira do tempo. Tudo vai bem, o amante olha para o retrovisor sem esquecer-se do que está na sua frente. Mas na sua frente, diante de si, também está o passado. Inferno. Caso o luto exitoso seja apenas uma ilusão de percepção, caso ainda o ame ou ainda o odeie, sem tê-lo deslocado para a margem da indiferença,

o amante reencontrará o amado de forma ameaçadora. O amado dispara o gatilho. Eis a segunda possibilidade. Se o amado se porta de forma gentil, demonstrando-lhe interesse e uma abertura para o reencontro, tudo se embaça na visão do amante. Confunde-se, não sabe o que fazer.

Quem é você que se reapresenta diante de mim? Aquele que sumiu, que me abandonou, que escoou pelas frestas de minhas mãos e que perdi? Ou você é quem me reencontrou, quem me achou e foi novamente achado por mim, quem foi resgatado do escuro da lembrança, quem me ata nas linhas de um passado que não passa, nos prendendo nessas linhas; nas linhas de nossas próprias mãos? Se tu me tocas, sou todo memória. Se tu me olhas com o mesmo olhar de ontem, já não sei o que enxergar. A quem devo ser fiel? A minha dor ou a verdade do meu desejo? Por que tantos sinais contrários?

As questões se multiplicam infinitamente. Semáforos descontrolados nos tortos caminhos do amor sinalizam o caos desse reencontro. Alegria e tristeza, passado e presente, palavra e corpo, medo e esperança. Simétricas oposições: na geometria do amor, o compasso do amante balança. É preciso então fazer uma aposta e compreender a incoerência da busca de coerência amorosa. Já sabemos que o amor é um chamado, mas é preciso dizer ainda que sua escuta é marcada por *delays*. Entre a fala e a escuta há sempre um vazio, um atraso, uma demora. O instantâneo e a transparência da linguagem são ilusões, e toda compreensão é precária, apesar de não ser impossível.

Quando reencontramos um amor possível nos cotidianos achados e perdidos, alegremo-nos. Alegria do exilado que retorna, do desaparecido reencontrado, do tempo reconciliado. Nada mais importa. Podemos seguir. Passamos pela verdade da dor, enviamos nossos sentimentos com coragem, nos reinventamos nas íntimas fraturas do amor.

Carmen Bruna

Tradução de Floriano Martins

Torre Infinita (trecho)

Choro porque subi a uma torre da qual não posso descer
choro por todas as coisas perdidas que não recuperarei
choro porque cresci e não posso suportá-lo
porque perdi o centro de gravidade do amor

